

371.782
C838v

N. Cham. 371.782 C838v TCC
Autor: Costa, Silvânia Pereira da
Título: Violência escolar :

TCC



Ac.210507

Reg. 105928

Ex.1 BJST

Ex. 1 UNIFESSPA.BJST



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

UNIFESSPA/CAMAR/BSJST

C o n s u l t a

Violência escolar: um obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Silvânia Pereira da Costa

Marabá, PA, Brasil.

Dezembro, 2008

**Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Marabá
Núcleo Universitário de Marabá
Faculdade de Pedagogia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

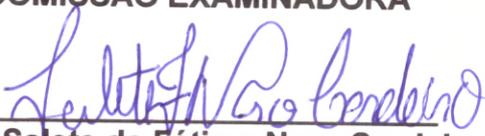
Violência escolar: um obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem

Elaborado por

Silvânia Pereira da Costa,

Como requisito para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia , da Universidade Federal do Pará, no Núcleo
Universitário de Marabá

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Salete de Fátima Noro Cordeiro
(Professor /Orientador)

Prof.º Marcelo Almeida Araújo
(Membro)

Prof.ª Zuleyka da Silva Duarte
(Membro)

Marabá-PA, dezembro de 2008.

Dedicatória

“Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou e esteve comigo dando-me força para prosseguir nas horas mais difíceis”.

Agradecimento

“Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me permitido a realização deste trabalho e perceber que sua grandeza está na simplicidade das coisas. A minha mãe Izaura, meu pai Ângelo que veio a falecer antes do término deste trabalho e minha irmã Sivalda pelo apoio e dedicação que sempre me prestaram. Ao meu namorado Alan que sempre se disponibilizou, me incentivando para que eu nunca desistisse de trilhar meus caminhos, superando as dificuldades e obstáculos. À minha orientadora, professora Salete de Fátima pela disponibilidade e contribuição. Por fim, agradeço à Elizete, Sabrina e Alex que me ajudaram e contribuíram direto ou indiretamente para a efetivação deste trabalho.”

A violência destrói o que ela pretende defender: a dignidade da vida, a liberdade do ser humano.

João Paulo II

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar as conseqüências da violência no processo de ensino-aprendizagem. Visto que a violência que até pouco tempo atrás era considerada como um problema de contexto social, atualmente tem-se tornado fator preocupante que constitui um dos principais problemas no meio escolar. Neste sentido, este trabalho busca investigar quais os tipos de violência mais freqüentes na escola, assim como, verificar até que ponto este problema vem interferindo na qualidade do ensino e conseqüentemente na aprendizagem dos alunos. Para realização deste trabalho foi necessário uma pesquisa bibliográfica, observação local, análise de documentos, conversa informativa, entrevista e questionário com os envolvidos com o problema no contexto escolar. De acordo com a análise é visível que às formas de violência mais freqüentes na escola são as agressões físicas e verbais, a violência contra o patrimônio público e contra a propriedade. São ações, que independente do agressor vem causando grandes transtornos para todos os envolvidos e deixando graves conseqüências o que vem impossibilitando a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras – chave: Educação. Violência. Aprendizagem.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	08
II - VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO	
2.1. Conceito de violência.....	12
2.2. Indisciplina como transgressão das normas escolares.....	14
2.3. Violência na escola: praticantes e vítimas.....	16
III – VIOLENCIA E APRENDIZAGEM	
3.1. A escola como espaço de exclusão social	23
3.2 . Escola e Comunidade	24
3.3 . Transgressões e Punições	26
3.4 . A crise dos valores	29
IV – A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR	
4.1. As ocorrências de violência na escola pesquisada	31
4.2. Tipos de violência que ocorrem com mais freqüência na escola	35
4.2.1. Violência contra o patrimônio	35
4.2.2: Violência contra o ser humano	38
4.2.3. Violência contra a propriedade	41
4.2.4. Violência simbólica	43
4.3. A visão dos alunos sobre a violência escolar	44
4.4. A visão dos professores sobre a violência e suas conseqüências no processo de ensino-aprendizagem.....	50
V - CONCLUSÃO	58
VI - REFERÊNCIAS	61

I - INTRODUÇÃO

A escola como uma instituição responsável pela formação do indivíduo e sua integração no meio social, ultimamente tem se tornado palco de grandes conflitos, pois a violência que antes era vista apenas como um problema social, tornou-se um dos principais problemas da rotina escolar.

Desta forma, a imagem da escola como base da fomentação do pensamento humano, parece estar desaparecendo aos poucos e sendo substituída por uma visão caótica de mal estar, devido à violência ter se tornado desafiadora para os educadores e todos os envolvidos na instituição escolar. A violência que antes era vista como um fator externo da escola tem passado a fazer parte da realidade escolar, principalmente por parte de alguns alunos que manifestam suas angústias de variadas formas, seja através de pequenas manifestações indisciplinadas, seja grandes delitos que podem tornar-se fatais.

Desta forma, meu interesse em centrar este estudo em educação e violência se deu a partir de observações em um estabelecimento de ensino, onde manifestações de violência acontecem constantemente. A cada momento um aluno ou um determinado grupo reage a discussões com agressões verbais e em diversas vezes até em agressões físicas, roubo de materiais escolares, depredação das instalações físicas entre outros.

Constantemente verifica-se que as relações entre os adolescentes são por vezes mais tensas, o que acaba gerando desconforto tanto para os alunos como também para os educadores e conseqüentemente acaba contribuindo para o processo de fracasso do ensino e aprendizagem.

A escola que é alvo destes comportamentos agressivos tem deixado de ser um local seguro e de interação e socialização de saberes, tornando-se em cenários de ocorrências violentas. É tanto que nos últimos anos alguns pesquisadores tem se preocupado em analisar a violência que acontece entre os adolescentes no meio escolar. Segundo Abramovay (2003, p. 26) “apesar dos eventos em grande número e mais violentos não acontecerem na escola, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante”, pois é observável que o sistema escolar está em crise, alguns estabelecimentos escolares que são vítimas de situações violentas não tem respostas para explicar ou mesmo viver numa situação de crise de oportunidades, pois estamos vivendo em uma sociedade carente que

busca alcançar meios de sobrevivência, num horizonte de exclusão social. Resulta desse processo uma relação ambígua com a instituição escolar, exigida como meio de profissionalização e de transformação de conhecimentos e de valores da cidadania, mas interrompidas pela violência estrutural da sociedade que também interfere no meio escolar.

Desse modo, há muitos argumentos que poderiam ser formulados para justificar essa pesquisa; pessoalmente, entendo que esse trabalho vai ao encontro de minhas expectativas como pessoa preocupada em bem conhecer a violência na escola, para como futura educadora melhor intervir na dinâmica educativa em busca de superar seus obstáculos e limites. Assim, ao me deparar com possíveis casos de violência em sala de aula, eu possa ser mais do que um professor observador e sim um educador, que juntamente com os sujeitos educativos, possa lutar com vistas a superar a violência escolar.

Sob o ponto de vista científico e social esta pesquisa visa oferecer ferramentas necessárias para a obtenção de dados e conhecimentos a cerca da realidade social que estão inseridos estes alunos que apresentam comportamento violento, com a finalidade de subsidiar ações concretas no combate a violência no meio escolar.

Assim, este projeto visa analisar a violência de forma a atuar sobre ela colaborando no processo de construção da cidadania, tão desgastada nos dias atuais e que tanto clama por ações que resultem no enfrentamento da exclusão social e na geração de alternativas societárias mais humanas, pois a violência é capaz de destruir as relações sociais assim como também, ao mesmo tempo, reconstruí-las a partir de outros referenciais negativos, como é o caso da agressividade em vez da solidariedade; da linguagem do conflito e do comportamento desonesto em vez da linguagem respeitosa e verdadeira.

Diante disso, com a finalidade de encontrar possíveis soluções, esta pesquisa visa o despertar não só dos educadores e educandos, mas também da sociedade em geral no interesse sobre essa temática de forma a contribuir com essa questão. Assim, esta pesquisa tem como problema, verificar de que forma a violência vem interferindo na qualidade do ensino e contribuindo para o fracasso do processo do ensino e aprendizagem.

Pois o que se nota é que a escola tem-se tornado refém de uma seqüência de atos violentos como o vandalismo, ameaças e agressões. Neste

sentido, este trabalho tem como objetivo geral, analisar as conseqüências da violência no desenvolvimento da aprendizagem. Como objetivos específicos:

- Investigar quais os tipos de violência mais freqüente no ambiente escolar;
- Analisar a gravidade dos incidentes;
- Identificar as medidas pedagógicas na prevenção da violência na escola;
- Verificar os reflexos da violência social no meio escolar;

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Arco Ires, no município de Rondon do Pará. No primeiro momento foi realizada uma pesquisa para identificar as escolas que apresentam o maior índice de violência e, apesar desta escola não apresentar os maiores casos de violência, foi a que possibilitou a realização da pesquisa; em seqüência foi realizado uma análise do Livro de Ocorrência¹, onde estão registrados todos os atos considerados violentos no estabelecimento escolar, objetivando evidenciar os indivíduos sociais que tem mais vinculação significativa com o problema investigado. Foi utilizada a coleta de dados através de observação local, pesquisa documental, conversa informativa, entrevista e questionário com os mais envolvidos com o problema escolar.

De acordo com uma conversa informal com o pessoal do corpo técnico-pedagógico, foram escolhidos os alunos para serem entrevistados, dentre estes foram selecionados os alunos da 5ª série com uma faixa etária de 11 a 14 anos, sendo que são as turmas consideradas mais violentos da escola. de um total de cinco turmas, foram escolhidos 10% de cada turma, e dentre estes foram os considerados disciplinados e indisciplinados.

Ao serem convidados, foi esclarecido o objetivo da pesquisa e a importância dos mesmos para que este trabalho fosse realizado. Com os alunos foi utilizado um questionário e após a realização do mesmo, houve uma conversa informal com todos sobre o assunto em questão; com os professores foi realizado uma entrevista individual, com espaço para exemplificação. Tanto para os professores como para os alunos foram usados nomes fictícios com o intuito de se obter respostas mais reais.

¹ Livro que contém registrado todos os atos indisciplinados dos alunos na escola pesquisada

No primeiro capítulo serão abordados questão da violência na educação de forma a esclarecer como esta tem afetado a nossa sociedade nos dias atuais. Será discutido também como os atos indisciplinados tem sido desafiadores das normas e regras escolares e o quanto a criação e o cumprimento destas são necessárias para que haja uma relação mais harmoniosa, possibilitando assim, mais diálogo nas relações sociais. Outro item também discutido é maneira como o “bullying”² tem se manifestado e sua atual relação com a violência na escola.

O segundo capítulo, abordará a questão da exclusão social devido os jovens estarem perdendo suas expectativas da escola, o que vem influenciando no aumento da violência nos dias atuais, como a relação escola/comunidade pode contribuir para erradicar o problema da violência na escola, a perda da importância dada aos valores morais o que deixa de fazer parte da vida de muitos jovens nos dias atuais, assim como as punições que são aplicadas como forma de sanções às transgressões praticadas no meio escolar.

Finalizando, o terceiro capítulo fala dos tipos de violências mais freqüentes de acordo com as ocorrências expostas no Livro de Ocorrências e a visão dos professores e alunos sobre a violência na escola pesquisada.

² Termo que compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder.

II - VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO

2.1. Conceito de violência

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD³ (1989), apud SCHILLING, s/d, p. 8),

A violência na sua maioria surge quando algo interfere no comportamento do ser humano e este sofre com a ruptura de forma brusca de seu estado natural, deste modo pode se manifestar de várias formas, podendo ser através de ameaças ou o uso da força física, moral ou psíquica.

A violência que durante muito tempo esteve mascarada dando a sensação que era algo que estava distante de nossa realidade, atualmente tem-se tornado um fenômeno alarmante, pois independente de sua especificidade, vem deixando um sentimento de insegurança na sociedade. A população a cada momento vivencia fatos marcados pela angústia e medo, diariamente nos deparamos com várias formas de agressão destrutiva contra o ser humano, sendo mais comum a violência contra a mulher, adolescente, negros entre outros. De acordo com Schilling,

Além da violência interpessoal ou intersubjetiva, incorpora a violência social, supondo a dimensão: podemos, portanto, falar da violência da ameaça do desemprego, da violência da fome e da miséria, da exclusão. Nesse sentido a violência se dá quando tratamos sujeitos – seres livres, racionais e sensíveis – como coisas. (SCHILLING, s/d, p. 9)

Desse modo, a violência não se limita apenas às agressões físicas e psicológicas contra o ser humano, ela também tem sua relação com a idéia de justiça e os direitos do ser humano, que ao ser negado passa a fazer parte das ações que constitui a violência na sociedade atual.

Apesar de ser um assunto constantemente relatado e vivenciado, observa-se que a população ainda não tem consciência de que a violência é

³ Michaud, Y. A Violência. São Paulo: Ática, 1989.

conseqüência de uma ação anterior que estimulou tal ato, assim, toda violência é uma reação do que esta pessoa já sofreu anteriormente. Pode-se dizer que existem ações violentas que recaem sobre pessoas inocentes que não fizeram nada de errado, no entanto, as ações existiam e alguém já cometeu.

Para Schilling, (s/d, p. 8) “a violência se transforma, tal como a sociedade, refletindo mudanças nas relações entre as pessoas e nas relações das pessoas com a natureza”. Sociedade diferente, violência diferente; nos dias atuais é observado que a sociedade tem sofrido com ações terroristas, ações estas resultantes de violência política, crenças religiosas, que provocam terror como instrumento de poder.

Nos últimos anos a população brasileira encontra-se no meio de uma das sociedades mais violentas do mundo. Pode-se verificar o alto índice de violência urbana, assaltos, seqüestros, violência familiar praticada de pais contra os filhos, do homem contra a mulher, entre outros.

A violência está tão entranhada no cotidiano das pessoas que parece ser normal viver numa sociedade que manifesta diversas formas de agressão, pois esta se manifestam desde os bairros de periferia, passando pelos de classe média até os mais sofisticados.

Infelizmente, tanto o governo quanto a população afetada tem usado conceitos e ferramentas erradas; a sociedade quando não usa grades e muros como meio de defesa, prefere encarar de forma passiva ou normal, ou pior que isso, pode agir da mesma forma, com agressão, como um mecanismo de defesa; os governantes buscam apenas combater o que está afetando no momento e não visam identificar e acabar com o problema causador deste transtorno social, limitam-se apenas a medidas paliativas, em vez de investir em recursos e meios para que tal problema seja solucionado. Desta forma Silva afirma:

As pessoas vivem com medo de se mostrarem impotentes diante do quadro atual de violência, corrupção e falência generalizada das instituições sociais. Procuram, diante disso, construir estratégias que garantam a própria vida, como a de se armar e transformar suas residências, automóveis em autênticas fortalezas; realizar habitualmente pequenos atos ilícitos que signifiquem algum tipo de vantagem ou de uma desvantagem menor, já que a corrupção é considerada endêmica e sem solução; abster-se da participação política não remunerada, especialmente a partidária, pois ela – sinônimo de corrupção e de defesa de interesse particulares – não garante ou possibilita as mínimas condições de sobrevivência. (SILVA, 2004 p. 15)

Neste contexto, fica claro o tamanho descaso em relação à violência que permeia a vida do ser humano. Neste sentido, faz-se necessário uma ação mais consciente de todos nós que estamos envolvidos diretamente ou não, assim como também, por parte de nossos governantes, uma vez que este problema está em nosso meio desde muito tempo e que vem provocando grandes prejuízos e atrasos em nossa sociedade.

2.2. Indisciplina como transgressão das normas escolares

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. No caso da escola, significa que todas as vezes em que os alunos desrespeitam alguma norma desta instituição serão vistas como indisciplinados, sejam tais regras impostas e veiculadas arbitrariamente pelas autoridades escolares (diretores e professores), ou elaboradas democraticamente. (SILVA, 2004, p. 21)

Podemos então, baseados nesta definição, observar que a indisciplina é um dos principais fatores que contribui para um clima de conflitos, transgressões e violações das normas e regras escolares, mesmo que estas sejam justas ou não, pois independente se sua importância, o que se torna relevante é que se o aluno desrespeitou uma norma escolar ele passa a ser considerado como um aluno indisciplinado. Nesta perspectiva é necessário frisar que nem sempre é correto impor aos alunos regras que para eles não tem a mínima importância. Para Leme,

É necessário que, mais do que a regra, o aluno saiba o princípio sobre o qual está assentado, ou seja, o seu significado em termos de justificativas, como a justiça, que deve pautar a relação de todos os integrantes, sejam eles alunos, docentes ou funcionários. Trata-se, na verdade, da tomada de consciência do porquê de uma regra, e para que o aluno tome tal consciência dos princípios, como direito ao respeito, ao tratamento igualitário. Só assim, refletindo, dialogando, explicitando enfim a razão de certas regras e normas é que se pode esperar a adesão do aluno. É importante que se incentive sua colaboração na elaboração das regras, e que essa participação fique clara para ele. Pois só quem se sente corresponsável por uma decisão a legitima na sua ação. (LEME, s/d, p. 53-54)

Sabemos que não só na escola, mas na sociedade no geral pressupõe a criação e o cumprimento de regras que são capazes de nortear as relações, possibilitarem o diálogo como meio básico para o bom andamento e convívio social. De forma semelhante está a escola que precisa de regras e normas para que haja

uma boa convivência de todos os membros que nela estão. Contudo, observamos que tanto na elaboração como no cumprimento das regras escolares, como forma de manter a disciplina, pode ocorrer desvios que por vezes podem gerar grandes transtornos como a violência escolar. Como afirma Leme (2004), acontecem situações de indisciplina quando o aluno transgredir por perceber algum tipo de injustiça na aplicação das regras, pois constantemente é demonstrado em pesquisas que nem todos os alunos são tratados de forma semelhante na escola, onde alguns podem transgredir as regras sem nenhuma punição, enquanto outros não. Além disso, observa-se que alguns comportamentos geram constrangimento e são manifestados no ambiente escolar, como “não quebra de regras”, por não estar contido no Regimento Escolar, é o caso dos alunos que são isolados e discriminados pelos colegas que não o incluem no grupo, e que até onde sabemos, não há regras que proíba este tipo de comportamento e que por vez causa grande sofrimento às vítimas que em alguns casos se revoltam e se manifestam de forma agressiva no meio escolar. Segundo Leme,

As pesquisas recentes trazem dados preocupantes, pois em sua maioria encontram, no mínimo, um quinto da população estudantil queixando-se de ter sido agredida semanalmente na escola, seja por agressões indiretas como exposição ao ridículo, boatos, isolamento, roubo ou danificação de pertences ou mais explícitos, como empurrões, insultos, etc. estes dados levam a crer que as regras de conduta, isto é, a disciplina, são elaboradas tendo em vista somente o bom funcionamento da instituição, como obediência a horários, observância a regras de comportamentos em sala de aula, o silêncio, etc., e não a convivência escolar e, mais grave que isso, a formação moral de futuros adultos. (LEME, s/d, p. 50)

No entanto, é necessário que existam regras como forma de manter o equilíbrio e a moral, e tais normas e regras não precisam ser necessariamente impostas, pois o jovem pode também ter sua participação na elaboração e aceitá-las de forma consciente de modo a cooperar espontaneamente com os demais, visando uma convivência e qualidade no processo educativo.

Sobre a questão da causa da indisciplina Silva (2004), aponta que tanto a indisciplina como a violência nas escolas, estão relacionadas, dentre outros motivos a consideração de regras e valores morais privados, como a fidelidade aos amigos, e por estarem mais a busca de beleza, prestígio social, status financeiro em detrimento ou banalização de valores morais públicos como a honestidade, justiça e respeito.

Vale também ressaltar que, com o decorrer do tempo, com todo esse avanço tecnológico onde as pessoas tem acesso a vários tipos de informações no processo educacional, tudo se tornou mais amplo e complexo assim como também o conteúdo repassado tornou-se mais distante da realidade pessoal e educacional do aluno.

Os educadores cada vez mais são muito rígidos ou muito liberais, o que implica numa ausência de autoridade, já que educar requer também uma necessidade de impor limites com intermédio de regras básicas estabelecidas, mediante situações de respeito, diálogo e comunicação que são necessárias, já que o autoritarismo e a agressividade podem gerar rancores, sentimentos de rejeição e rebeldia.

Dessa forma é imprescindível que a escola como um dos principais meios educativos trabalhe não só o que é permitido e o que é proibido ao aluno, e sim, que realizem trabalhos voltados para esta questão e que seja feito com a colaboração de toda a comunidade escolar envolvida na questão dos princípios subjacentes às normas a serem estabelecidas e seguidas, como também na sua aplicação justa e proporcional a todos os responsáveis que devem ter consciência para essa importância. Não se pode esquecer ainda, que valores importantes como o respeito, honestidade, solidariedade, consideração perderam muito sua relevância nas sociedades atuais, pois as relações estão cada vez mais sem o envolvimento de afetividade e a sociedade visa cada vez mais de forma incessante o domínio e o poder.

2.3 . Violência na escola: praticantes e vítimas

No que se refere à violência nas escolas as primeiras análises tiveram seu auge principalmente a partir dos anos 80, momento este, que houve mais espaço no meio social para que fossem discutidas questões que prejudicavam a qualidade de vida da população; foi nesse contexto que surgiu a busca por segurança e o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares tornou-se mais visível e passou a acompanhar não só o cotidiano das pessoas diretamente envolvidas na rotina escolar, mas também a comunidade que indiretamente sofria com os vestígios causados por este fenômeno que afetava todo um contexto social. Sobre essa situação Abramovay comenta:

No passado, as primeiras análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra os alunos (punições, castigos corporais). Na literatura contemporânea, sociólogos, antropólogos, psicólogos e outros especialistas privilegiam a análise da violência praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade (vandalismo, por exemplo) e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos. (ABRAMOVAY, 2003, p. 21)

Conforme a citação acima, observa-se que antigamente as ações de violência na educação aconteciam principalmente por parte dos professores através de castigos e punições, onde os alunos que não conseguiam obter um comportamento desejado segundo as normas escolares eram severamente castigados. Contudo, com o decorrer do tempo esta visão foi mudando, foi-se percebendo que os estabelecimentos escolares deixaram de ser agentes causadores de agressão e passaram a ser vítimas frequentemente afetadas por ações de alunos ou ex-alunos, seja contra o patrimônio ou contra as pessoas envolvidas no sistema escola.

Gradativamente foi-se tornando mais evidenciado para a população no geral, que as ações violentas que aconteciam com maior frequência nas ruas, começaram a estar mais presente nos arredores das escolas e tão logo passaram a fazer parte da realidade escolar. Assim, a escola que sempre esteve como principal meio educacional dentro da comunidade, passou a ser vítima constantemente, absorvendo e reproduzindo os vários tipos de violência da sociedade.

Mas que ações podem ser classificadas como violência escolar? Para Silva (2004), a violência escolar é uma das formas de indisciplina mais preocupantes nos dias atuais, pois apesar desta se manifestar de forma destrutiva contra os bens ou mesmo a integridade física dos outros, ou contra o patrimônio público, é encarado como um fato normal, sendo que quando no meio da instituição escolar, ela se manifesta através de depredações dos bens dos docentes e patrimônio, tráfico e uso de drogas, ameaças e de assassinatos de colegas e professores.

De acordo com (CHARLOT⁴ (1997), apud ABRAMOVAY, (2003, p. 21 – 22)), as ações de violência podem ser divididas em três níveis básicos:

⁴ Charlot, Bernard; Émem Jean-Claude (Coords). *Violencis à Picole Paris*: Masson & Armand Calin éditeurs, 1992

- a- violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;
- b- incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c- violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos.

O que podemos notar, é que a violência está em toda parte, e como a escola não é uma instituição isolada do mundo, ela também está sujeita a incorporar-se a toda essa violência que se manifesta de forma espantosa e que afeta tanto a sociedade nos dias atuais. Desta forma, para amenizar essa situação e recompor os valores danificados e preparar os alunos para a vida, não podemos ignorar a violência, ela precisa trazer as questões do mundo e de nossa realidade para a sala de aula. São alunos agredidos, livros roubados, alunos assediados, funcionários humilhados, ofensas entre professores e alunos, tudo isso são exemplos de situações internas da escola que precisam ser enfrentadas com a mesma força que se discutem outros assuntos em sala de aula.

Do contrário, o papel do educador não será cumprido, uma vez que todo que está a sua volta tem caráter pedagógico; compreender assuntos comuns que fazem parte de nosso dia-a-dia, ter noção de como questões como injustiças preconceitos, violência devem fazer parte do currículo pedagógico, estando assim, presente fazendo um elo entre o que o jovem vê na escola com o que está lá fora, como forma de manifestar que está contribuindo e não fugindo dessa questão que torna-se cada vez mais complicada.

Os termos para indicar a violência no contexto escolar variam também de um país para outro, o que no Brasil denominamos de violência escolar, como vandalismo, furtos e roubos, agressões sexuais, verbais, físicas que podem até chegar a ser fatais, para os norte-americanos. Segundo Abramovay (2003) tem-se muito falado no termo “Bullying” como forma de violência que tem como ação inicial predominante a violência simbólica, praticada no meio escolar.

De acordo com os dados expostos pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) o Bullying são todas as formas de ações agressivas, intencionais e repetidas, onde um aluno ou um grupo de estudantes provocam o sofrimento de outros alunos sem nenhum

motivo evidente, numa relação desigual de poder. Por não ter uma palavra na língua portuguesa que expresse toda as situações do Bullying, são destacadas algumas ações que podem ser classificadas como tal ato: colocar apelidos, ofender, zoar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, dominar, agredir, bater, chutar, ferir, roubar, gozar, tyrannizar, empurrar e quebrar pertences.

Os alunos são sempre adolescente que por qualquer motivo, não conseguem se enquadrar nas normas do grupo e conseqüentemente não conseguem se integrar na comunidade escolar. São pessoas discriminadas e evitadas que se tornaram alvo predileto de humilhações que se repetem constantemente. Geralmente são pessoas sem expectativas quanto às possibilidades de se adequar ao grupo, alguns por serem obesos, de estatura baixa, deficiência física, até aspectos étnicos, culturais ou religiosos; estes possuem uma auto-estima que se agrava cada vez mais por intervenções críticas ou pela não interferência de adultos em relação ao seu sofrimento. Alguns acreditam que até merecem estar passando por determinada situação; possuem poucos amigos, são quietos, passivos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofrida, e em conseqüência de tudo isso, passam a ter um rendimento escolar baixo por isso e por faltar constantemente às aulas;

Quanto aos autores, são pessoas agressivas que apresentam pouca empatia, geralmente são de famílias que não possuem uma estrutura que lhes sirva de base positiva, os pais costumam resolver os problemas na base da agressividade, onde há pouco relacionamento afetivo entre eles. Dessa forma, estes jovens praticantes de bullying possui grande probabilidade de quando crescerem, serem adultos delinquentes com comportamentos violentos e anti-sociais.

Observa-se que a maioria dos atos cometidos são por meninos. As meninas praticam em menor número e se caracteriza principalmente através da prática de exclusão e difamação, como fofocas e mentiras.

A presença de bullying no ambiente escolar faz com que haja uma carga enorme de violência, seja física ou simbólica, todos os alunos são afetados direta ou indiretamente o que passa ficar uma instituição escolar marcada pelo medo e cuja conseqüência tanto para os praticantes como para as vítimas podem ser devastadora para a sua trajetória escolar e pessoal, pois em especial os que sofrem de bullying, dependendo da forma como será tratada nos demais ambientes

principalmente o familiar, poderão vir a não superar os traumas sofridos na escola, o que pode vir a se tornar um adulto com baixa auto-estima, negativo, com dificuldade em se relacionar e pior que isso, ele também pode assumir em decorrência disso, um comportamento agressivo.

De certa forma, a violência sempre existiu no meio escolar, contudo, nos dias atuais ela tem conseguido incorporar e em alguns momentos até assemelhar-se a toda essa violência existente que atualmente se vive. Historicamente, a violência na escola reproduz as desigualdades sociais e infelizmente ainda em alguns estabelecimentos escolares produzem castigos físicos em nome da disciplina e da moral. A violência que antes era considerada como normal em nome dos bons costumes e da disciplina praticada pelos professores, vem sendo substituída.

Hoje são alunos que de forma bem declarada vem praticando violência contra professores, seus bens e o patrimônio da escola; são agressões físicas, escolas depredadas, pichadas e roubadas; banheiros riscados com portas quebradas, alunos que deterioram automóveis dos professores e gestores, que vão armados para a escola; alunos que ameaçam professores e seus familiares caso não lhe dêem uma nota satisfatória. Segundo Abramovay,

Há muitas críticas e acusações e a escola aparece, ao mesmo tempo, como causa, conseqüência e espelho de problemas aos quais, muitas vezes, não consegue responder e cuja solução não se encontra ao seu alcance. Essa questão se expressa claramente quando as regras da escola não são claras, quando os professores afastam-se da cultura juvenil, quando os códigos culturais não são compreendidos, quando os alunos não são escutados, quando os jovens são "etiquetados", sentindo que na escola há um enorme buraco que os separa dos adultos, e as relações de confiança são quase inexistentes. Por outro lado, os professores e o corpo técnico-pedagógico se sentem desrespeitados, ameaçados e humilhados, o que torna difícil qualquer espécie de diálogo. (ABRAMOVAY, 2003, p. 78)

A escola, embora seja vista como chave de oportunidades para uma vida melhor, pode ser também, local de exclusão social. Ou seja, pode discriminar e estigmatizar, marginalizando o indivíduo formal ou informalmente, nos seus direitos de cidadão e no seu acesso às oportunidades de estudos, profissionalização, trabalho, cultura lazer, entre outros bens e serviços que todos os seres humanos tem direito.

Neste sentido, a escola que é considerada um lugar de aprendizagem e garantia aos jovens sua entrada no mercado de trabalho e participação efetiva na

sociedade, passou a ser vista como um local propício para a exclusão social e de reprodução de situações de discriminação e de violência, seja física, moral ou simbólica, pois não só a violência física merece atenção, já que outros tipos podem ser traumáticos e graves, o que pode resultar em grandes danos físicos ou emocionais. Para (SPÓSITO⁵ (1998), apud ABRAMOVAY (2003, p. 22)), há nexos entre violência e falta de diálogo. Assim “violência é todo ato que implica a ruptura de um nexo social pelo uso da força. Nega-se, assim a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”.

Atualmente, parte das instituições escolares encontram-se marcadas por constantes fatos de violência e agressão, para Leme (s/d), em parte isso acontece porque alguns alunos sentem-se negligenciados devido os professores faltarem constantemente, ou por ministrarem conteúdos alheios deixando lacunas na sua formação, o que dificilmente será recuperado.

Os professores sentem-se vítimas de seus alunos e estes reclamam que sentem-se excluídos por não ter uma educação de qualidade, o que vem a provocar um clima de revolta no ambiente escolar. Constantemente são observados nos meios de comunicação audiovisuais, não raras vezes acontecimentos violentos protagonizados pelos alunos nas escolas. A exemplo disso ocorreu no último dia 17 de junho do corrente ano de 2008 um caso de violência numa escola pública na cidade de Belém. Foi a morte de uma adolescente na sala de aula, ela foi morta a facadas pela própria colega de sala, na frente do professor e demais colegas. O crime foi justificado segundo a praticante por um simples motivo banal “um alisante de cabelo”; mais o que tudo indica segundo depoimentos de colegas é que a discussão já perdurava há muito tempo.

São agressores que usam da força ou outro tipo de coação para que seus objetivos sejam alcançados, objetivos estes que o indivíduo apela para o uso do próprio corpo, ou de um objeto qualquer até uma arma para que seus desejos sejam alcançados. Isso nos mostra como a escola de certa forma não realiza nenhuma ação diante de pequenas brigas entre alunos, o que pode vir a gerar

⁵ SPÓSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. In Revista da Faculdade de Educação da USP. Educação e pesquisa. São Paulo. Jan/jun. 2001.

depois, atos mais complicados, como é o caso acima citado. A escola precisa trabalhar todas as diferenças e projetos possíveis, para que o aluno seja ouvido e valorizado, sem ter a necessidade de ser excluído. Assim, a escola ajudará a acabar com este clima de rivalidades que geram a cada dia mais a violência no meio escolar.

III – VIOLÊNCIA E APRENDIZAGEM

3.1. A escola como espaço de exclusão social

Desde muito tempo a escola aparecia como a alternativa da família como um meio de melhoria de vida coletiva e individual. Desde muito cedo era internalizada na criança que a escola era a estratégia de superação do ciclo de reprodução de pobreza e social das condições de desvantagens herdadas de geração a geração. Neste sentido a educação escolar para a classe menos favorecida era e ainda é para alguns, como um passo para um futuro promissor um escape da situação de pobre que perdura na vida de muitos em nossa sociedade.

Gradativamente esta visão vem sendo mudada, a escola para a geração atual menos favorecida que deseja ter acesso aos padrões de consumo de massa, não aparece mais como meio seguro de mobilidade social. Assim, uma profunda crise da eficácia social da educação escolar ocorre nesse processo de transformação da sociedade brasileira, que oferece caminhos desiguais para a conquista de direitos no interior da experiência democrática. Para Abramovay,

Além de enfrentar problemas internos de gestão e precariedades variadas, que afetam o desempenho pedagógico, a escola passa por um período no qual a ideologia que a sustentou durante muitos anos é contestada. A escola é questionada por não preparar para o mercado de trabalho, por perda de qualidade e centralidade como fonte de conhecimento sobre a humanidade e transmissora do acervo cultural civilizatória e por não corresponder à expectativa de abrir possibilidades para um futuro seguro aos jovens. (ABRAMOVAY, 2003, p. 27)

Na atualidade a escola para os alunos vem perdendo o seu prestígio, pois as perspectivas que estes tinham na instituição escolar aos poucos estão sendo acabadas, eles temem que assim que saírem da escola como a maioria dos jovens não serão incluídos no concorrido mercado de trabalho; isso faz com que eles sintam-se frustrados por não ver seus esforços reconhecidos, e pior, perceber que o único meio de melhorar de condições sócio-econômica, que é a entrada no mercado de trabalho está se desmoronando. Assim ao não ver mais alternativas dignas através da escola eles buscam meios ilícitos no mundo do crime, como forma de manifestar sua indignação ou sobrevivência sua e de sua família, desconsiderando todos os valores, aumentando o número de violência e vivendo às margens da

sociedade. Sobre esta situação Abramovay (2003), afirma que assim como a escola pode servir como via de acesso à cidadania, pode também ser um espaço de exclusão social, pois ao oferecer um ensino de péssima qualidade ela está contribuindo para que mais um obstáculo seja criado para o acesso às oportunidades de trabalho, pois nem sempre a escola pode garantir um emprego ou melhoria salarial e quando os jovens têm consciência dessa realidade, ele pode perder o estímulo para os estudos.

Ainda assim, o que atualmente observamos na sociedade moderna é que a escola é uma das principais condições para sua entrada no mercado de trabalho. Certamente não podemos atribuir apenas à educação escolar toda a responsabilidade, mas espera-se que como um dos principais meios de acesso, a escola vise programas e projetos que possam contribuir para a aproximação do jovem com o mercado de trabalho.

3.2 . Escola e Comunidade

A escola que é palco constante de atos agressivos é também um dos principais meios para a superação dos mesmos. Assim, é necessário que o educador repense a sua prática pedagógica e quando se deparar com alunos que demonstre um comportamento agressivo, ele não tome só medidas tradicionais como gradeamento, policiamento e vigilância a determinado prazo, pois os mesmos não são suficientes para que acabe com o problema da violência escolar. Para Abramovay,

Os alunos, pais e professores insistem nas medidas baseadas na integração da escola com a comunidade, para conter a violência nos estabelecimentos de ensino. Destaca-se, como um indicador positivo, a vontade desses atores apostarem medidas de resolução compartilhada do problema, tendo em vista a indicação do diálogo entre os alunos, pais, professores e diretoria, e a parceria entre escola e comunidade, como dispositivo importante para conter as violências nas escolas. (ABRAMOVAY, 2003, p. 69)

É necessário começarmos a pensar na redução da violência, que acima de tudo a instituição escolar cumpra a sua missão enquanto escola educadora, missão essa que é assegurar aos alunos a formação para a cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho, nos estudos posteriores e na vida.

Deste modo, o primeiro passo para que isso seja concretizado é que a escola cumpra seu papel diante de um caso de violência escolar, é abrir suas portas para a democratização; é necessário que a escola tenha uma gestão participativa que envolva todos os segmentos escolares e comunitário na elaboração e nas tomadas de decisões. Pois para estes alunos, segundo Abramovay (2003), para que haja uma redução significativa nos casos de vandalismo é necessário que haja uma grade curricular mais flexível com a inclusão de artes, entre outros meios que além do aprendizado, tragam mais descontração, em que lições de vida sejam enfatizadas.

É essencial também que o professor trabalhe todas as contradições que existem na escola, de modo que possa haver um melhor relacionamento entre os envolvidos e que não haja divergências diante das diferenças que cada um traz ao ingressar na sala de aula, seja no aspecto físico ou informacional, por fim, é necessário que seja inserido no currículo escolar discussões sobre a violência na escola e suas conseqüências de modo que estes debates possam ir além dos muros escolares; que as escolas possam abrir espaço para a comunidade, tanto para dentro como para fora, ou seja, que a sociedade possa ter acesso no que é desenvolvido dentro da escola, assim como também que os alunos tenham uma visão mais ampla do que acontece lá fora.

A esse respeito Leme nos dá sua contribuição quanto o papel da escola nos formação dos jovens,

Somente quando a escola assume o aluno em sua integralidade, cognitiva e afetiva, é que ela assume a tarefa de educá-lo como tal, planejando e executando seu fazer pedagógico nessa direção. Decorre daí um planejamento deliberativo do convívio escolar, e não somente regras atinentes ao bom funcionamento do estabelecimento. São pensados de antemão atividades voltadas para a promoção do bom convívio entre todos os membros da comunidade, e não apenas reuniões esporádicas para resolver crises, ou regras de comportamentos a serem obedecidas cegamente por um aluno "virtual". (LEME, s/d, p. 53)

Desta forma, é importante que tanto os docentes como toda a parte técnica pedagógica realizem trabalhos que além de abordar os conteúdos que habitualmente são repassados, trabalhem também a violência e prevenção com a participação de toda a comunidade tanto na elaboração dos projetos e normas, como na sua aplicação das práticas no meio escolar.

3.3 . Transgressões e Punições

Sabemos que para que haja um bom relacionamento em qualquer contexto social é necessário que sejam estabelecidas regras ou normas como forma de limite, direitos e deveres entre os envolvidos.

Dentro do estabelecimento escolar tem-se o Regimento Interno onde são criados todos direitos e deveres que envolve todos os que fazem parte do estabelecimento escolar, deste modo assim como, abrange todos no geral que estão direta ou indiretamente envolvidos quanto ao seu cumprimento, é necessário que na sua elaboração seja feita de forma democrática e divulgado para que todos tomem conhecimento e não contrariem no uso de sua aplicação. Todavia, para que estas regras sejam obedecidas é importante que sejam significativas, de caráter pedagógico e que os envolvidos tenham consciência e compromisso.

Quando ocorre um caso de indisciplina e violência na escola, é de costume aplicar uma advertência ou uma forma de punição. Antigamente quando ocorria tal fato era comum que os professores imediatamente aplicassem uma sanção pedagógica ou castigos corporais. A esse respeito Silva (2004, p. 33) afirma que “a criança que não fizesse a chamada “lição de casa” ou bagunçasse em sala de aula era punida com castigos corporais, repreensões verbais e/ou com a exclusão momentânea ou definitiva da escola”. Com o decorrer do tempo novas formas pedagógicas de punição foram surgindo, pois se acreditava que as antigas tornavam-se antipedagógicas o que poderia levar a criança a se tornar um indivíduo incapaz ou mesmo violento. Entretanto, o que se pode notar é que apesar de tais mudanças quanto aos castigos físicos, ainda existem formas de punições que podem ser consideradas traumatizantes; é notável que todo estabelecimento escolar precisa ter normas a serem seguidas, contudo, deveriam ser elaboradas coletivamente e não ser impostas ao alunado.

Segundo Abramovay (2003, p. 33) atualmente “os procedimentos adotados são em sua maioria, advertências, suspensões, transferências e expulsões, conforme a gravidade do caso analisado pela escola”. E de acordo com a penalidade aplicada o aluno pode se tornar alienado, que aceita tudo por medo da punição, ou pode se tornar um aluno revoltado.

Sobre a questão da punição, Foucault (1977) faz uma análise do papel da disciplina nos dias atuais. Ao analisar as práticas penais na França do século

XVII ao século XIX ele faz uma analogia às prisões da modernidade, instituições que visam a disciplina do corpo e da alma como forma de poder, e que segundo ele, modelos como estes podem estar presentes em todas as instituições sociais, ou seja, a escola que é responsável pela educação é comparada a presídios, manicômios e hospitais, entre outros.

Assim como nas prisões, há no contexto escolar toda uma regulamentação, uma ordem, uma burocratização como forma de demonstração de poder e disciplina, ou seja, há na escola uma prisão moderna com novas técnicas que de forma suave faz com que haja um controle sobre o corpo e impõe uma relação de docilidade e utilidade.

Desta forma, na modernidade não há mais a punição do suplício com penalidades em praças públicas, como menciona Foucault e sim o impedimento da liberdade. Na escola, de modo semelhante eliminaram-se os castigos físicos e adotaram-se as punições pelos atrasos, desobediências e indisciplinas, por exemplo, a restrição da liberdade e da comunicação, como forma de disciplina.

(FOUCAULT⁶, (1977), apud ALVAREZ (s/d)) demonstra algumas características dessa nova tecnologia de poder ao destacar que:

[...] as práticas disciplinares caracterizam-se por distribuir os indivíduos em espaços fechados e heterogêneos, onde cada indivíduo tem um lugar especificado, ao desempenhar também aí uma função útil. Estes locais são ainda intercambiáveis e hierarquizados. Em termos espaciais, portanto, cada indivíduo ocupa um lugar ao mesmo tempo funcional e hierarquizado, formando um quadro espacial onde se distribui a multiplicidade de indivíduos para deles tirar o maior número de efeitos possíveis. As práticas disciplinares implicam também um controle das atividades dos indivíduos, estritamente coordenadas em relação aos horários, ao conjunto dos demais movimentos corporais e aos objetos a serem manipulados, ao buscar obter assim uma utilização crescente de todas as atividades ao longo do tempo (ALVAREZ, s/d, p. 32)

Assim, existe um poder disciplinar voltado para o adestramento do ser humano. Cada época e lugar, com formas diferentes, mas o que não podemos negar é que sempre existirá, seja através de castigos físicos, vigilância, exames classificatórios que permite a quem se encontra numa posição privilegiada ter o controle de qualificar como também penalizar e punir os indivíduos que estão sujeitos ao poder disciplinar. Contudo, é bom frisar que tanto as formas de punição de antigamente ressaltados por Foucault como a dos dias atuais mostram-se

⁶ FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão. Petrópolis. Vozes, 1977

ineficazes ao controle da criminalidade e pior que isso, terminam reproduzindo mais violência social. Ao relatar a realidade escolar da época Foucault ressalta que:

O treinamento das escolares deve ser feito da mesma maneira; poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre, ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os Irmãos das Escolas Cristãs usavam; era chamado por excelência o “Sinal” e devia significar em sua brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comendo e a moral da obediência. (FOUCAULT, 1987, p. 140)

Como se pode notar, a punição característica do modelo prisional, é manifestada em outras instituições sociais, isso tanto na forma estrutural de hierarquização, como também no resultado da ação punitiva que na maioria das vezes o excesso de vigilância, controle e castigos disciplinares podem causar manifestações contrária ao esperado.

Para Abramovay (2003), na medida em que as punições são na maioria das vezes, estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser lócus privilegiado do exercício da violência simbólica. Neste caso, a violência é exercida na maioria dos casos pela escola contra os alunos, é um tipo de violência que sem o uso da força, gestores e professores jogam conteúdos alheios e regras aos alunos e estes devem obedecer sem que antes não tenha havido um consenso entre os envolvidos da instituição escolar. É bom frisar também que ao elaborar normas e regras é necessário que todos sem exceção estão sujeitos a punições, caso sejam infringidas, pois o que observamos na realidade escolar é que as restrições não são para todos.

Muitas vezes a escola através de atitudes e discursos vitimizam os alunos através da violência simbólica, professores e gestores usam de autoritarismo arbitrário, não permitindo a participação dos alunos, o que vem transformá-los em vítimas de violência produzida pela própria escola, e estes por vez passam a se revoltar, reivindicando através de agressões e depredações das instalações escolares. Neste caso, a violência torna-se uma opção de protesto ao que a escola lhe impõe, pois se observa que boa parte dos profissionais da educação ainda tem idéias pedagógicas que se assemelham da imagem do educador de antigamente, repressor, castrador, assim, o bom aluno ainda é aquele calado, obediente, caso contrário, lhes resta apenas a punição; pois a punição, a represália, a submissão e o

medo ainda parecem estar enraizados silenciosamente nas salas de aula, só que agora por meio da avaliação.

Sob esse respeito, talvez a violência esteja nos mostrando que se trata de uma recusa destes jovens a práticas educativas fortemente arraigadas no meio escolar, assim como uma busca de se apropriar da escola de uma outra forma mais aberta e mais democrática. Trata-se, portanto, de uma nova reivindicação confrontativa na maioria das vezes, mas que quer ter seu espaço a qualquer custo. Assim a violência estaria mostrando também uma necessidade que o aluno visa para transformar a relação dentro do meio social.

3.4 . A crise dos valores

Ao abordar a violência no setor educacional nos últimos tempos, torna-se necessário levar em consideração a questão dos valores morais que vem se perdendo a cada dia. Para Silva:

Uma das razões que, sem dúvida, contribuiu para o aumento da indisciplina nas escolas está relacionado ao desaparecimento ou a diminuição da importância dada a certos valores morais, sobretudo a partir do final da década de 60 do século passado (XX). (SILVA, 2004 p. 29)

Segundo o autor houve mais abertura tanto por parte dos pais como dos educadores ao repassar os valores morais que para muitos eram tradições que iam de geração à geração; conseqüência disso, crianças sem limites com comportamentos que por vezes chegam a desconhecer o que é o respeito ao seu semelhante, porque não foram construído os valores que podem possibilitar uma convivência harmoniosa.

Desta forma, a escola que juntamente com a família é responsável pela questão educacional da criança vem sofrendo com todas as conseqüências, pois, além de ser para alguns pais a única responsável pela formação moral e ética dos filhos, tem sido uma das maiores vítimas pelo fato da sociedade não ter levado em consideração o repasse dos valores que são muito importantes para se construir limites e respeito a alguns jovens, que se encontram sem a mínima consciência dos valores morais. Quanto à construção de limites Muller afirma o seguinte:

Esta violência é sinal de que aqueles que se entregaram a ela não foram capazes de encontrar limites; estão simultaneamente pedindo para que lhes sejam impostos limites. As crianças e os adolescentes precisam enfrentar os limites estabelecidos pela autoridade dos adultos, pois estes limites, que são também marcos, oferecem a eles a segurança tão necessária para que consigam estruturar sua personalidade. A ausência de limites os mergulham em ansiedade que gera violência (MULLER, 2006, p. 68)

Observa-se que por falta dos valores que o ser humano tem deixado de construir, alguns jovens atualmente encontram-se sem direção, sem noção do que é certo ou errado, do que é seu e o que é do outro, o que vem a aumentar o número de transgressões às regras sociais.

Dessa forma é necessário que o adulto seja o pai ou o educador vá ao encontro desta criança, não com autoritarismo e imposições, mais que faça prevalecer o diálogo, criar estratégias, onde possa haver um acordo entre a sociedade e os considerados violentos, descartando toda a possibilidade de resolver a violência com a violência assim como também, a privação da liberdade.

Deste modo, é necessário criar pontes entre a instituição educacional e a comunidade para que, na medida do possível, as crianças sejam educadas em um único mundo. Para tanto, os educadores devem trabalhar em conjunto com vários indivíduos e as organizações que desempenhem algum papel no bairro, particularmente aqueles que tenham um papel social de mediação. Quando uma contravenção é praticada dentro da escola evidentemente é aconselhável chamar a polícia e notificar as autoridades legais competentes. Mas mesmo nesse caso é preciso que se evite cair num modo meramente repressivo de pensamento, procurando ser coerente com o projeto pedagógico adotado pela escola. (MULLER, 2006, p. 69)

Neste sentido é imprescindível que o professor ao se deparar com alunos que apresentem manifestações de agressividade, ele possa conscientizá-los de que estão agindo de forma errada segundo os princípios éticos sociais, pois este pode ser o primeiro sinal de que esta criança futuramente será um ser violento e conseqüentemente será excluído do meio social.

IV – A violência e suas manifestações no cotidiano escolar

4.1. As ocorrências de violência na realidade da escola pesquisada

Ao analisar o aumento constante dos casos de violência, observei como ela tem-se arraigado e contribuído bastante para o aumento do clima de tensão e insegurança em todo o processo educacional.

O problema da violência nas escolas está tão gritante, que atualmente tem necessitado de intervenções de outros órgãos. Ações que antigamente eram consideradas fatores externos nas dependências escolares hoje tem-se tornado fator constante no interior da escola, o que torna necessário um desvio do foco da instituição enquanto interventora entre o processo educativo e a sociedade.

Dessa forma, além de usar meio de segurança física no local, com muros e grades em sua volta, a escola também tem acrescentando alguns itens na sua prática educativa como o chamado Livro de Ocorrências escolar. No livro de ocorrências contém registrados todos os atos que não condizem com o comportamento esperado dos alunos e que vão contra as regras estabelecidas no Regimento Escolar.

Analisar o Livro de Ocorrências acabou-me aludindo à algo muito usado nas delegacias da nossa atualidade, o chamado B.O. (Boletim de ocorrências), documento que é usado nas delegacias para registrar os atos de crimes e delitos. De forma semelhante no livro de ocorrências da escola, são registrados todos os atos indisciplinares dos alunos. A existência deste livro que tem como objetivo registrar os casos de indisciplina e violência escolar, geralmente faz os alunos sentirem-se como verdadeiros delinquentes e criminosos e acaba reforçando a continuidade dos atos em vez de erradicá-los.

Assim, as regras ou normas da escola, quando são desrespeitadas possibilitam a aplicação das medidas disciplinares, que nem sempre estão contidas no Regimento Escolar. No entanto, ao desrespeitarem as regras estes alunos devem ter sanções através de medidas educativas e pedagógicas que não sejam meramente punitivas através de suspensões como é observado na escola pesquisada.

Ao acreditar ser esta a forma mais indicada para solucionar o problema, a escola não percebe que este método geralmente pode agravar a

situação do aluno, pois além deles usufruírem um tempo que não lhes proporciona nenhuma reflexão sobre o ato cometido, os mesmos retornarão à escola ainda mais revoltados que antes por sentirem-se incompreendidos e sem importância para os membros da escola.

Dependendo da gravidade de seus atos, além da suspensão, o aluno poderá ser expulso da escola o que fica evidente conforme o trecho do Regimento Escolar abaixo:

Art. 90⁷ – As penalidades, nos limites de competência da Unidade Escolar, deverão ser aplicadas aos alunos de acordo com a gravidade da falta cometida, sendo assim discriminadas;

I – Advertência oral;

II – Advertência por escrito, em anedotários (ata ou livro de ocorrência), no máximo até três registros;

III – Suspensão das atividades escolares depois de esgotadas as advertências por escrito, no máximo até dez dias úteis, admitindo-se acumulação das suspensões para prosseguimento ao encaminhamento posterior;

IV – Exclusão da Unidade Escolar depois de esgotados os procedimentos anteriores com anuência do Conselho Escolar ou na ausência deste, uma comissão formada por três profissionais entre eles o diretor e um professor;

Parágrafo Único: As faltas qualificadas como graves ou gravíssimas, serão imediatamente submetidas à apreciação do Conselho Escolar de forma proceder à transferência do aluno.

Observa-se que as primeiras providências consideradas mais eficazes são a punição onde se a primeira conversa oralmente não for suficiente, há a suspensão, o que para alguns alunos é considerado uma boa opção, pois não terão que ficar estudando por alguns dias, como afirma o aluno “*Eu acho bom, pelo menos não vou ter que ir para a escola*” (Maurício – Aluno). Assim, é necessário que haja métodos pedagógicos mais construtivos que não sejam apenas punitivos, mas que tenham uma relação com o ato cometido, como afirma Antunes (2008), ao destacar que, ao cometer um ato indisciplinar o professor deve assimilar a punição à transgressão de forma que o aluno saiba qual a punição cabível a cada transgressão e não cometa mais.

⁷ Artigo do Capítulo II do Regimento Escolar do Sistema Municipal e Ensino de Rondon do Pará, que diz respeito às penalidades referente ao Regime Disciplinar da Escola.

Assim, percebe-se que essa prática de suspensão não tem surtido efeito positivo, logo, torna-se necessário a escola estar trabalhando outros métodos, a começar pela reforma do Regimento Escolar, para as medidas punitivas; além do que é necessário mais que uma reformulação é preciso estabelecer boas relações dentro do estabelecimento escolar com as famílias e a comunidade, visando um ensino como um todo, dentro de um processo democrático; que estes alunos possam refletir e terem consciência de seus atos e que possam agir com base no respeito e não apenas por obediência.

Depois da suspensão vem a expulsão, o que faz aumentar cada vez mais o número de crianças fora da escola ou com baixo rendimento escolar, pois ao ficar mudando constantemente de escola não conseguem acompanhar a turma e podem continuar cometendo os mesmos atos, pois o que observa-se é que a maioria das escolas, não usam métodos que possam contribuir para que não haja mais este tipo de comportamento no aluno, em vez disso preferem livrar-se do problema, expulsando-o da escola, rebaixando e rotulando-o como incapaz como se ele não tivesse mais saída.

Nota-se, portanto, a falta de compreensão da escola ao demonstrar de forma explícita a sua desistência em continuar com este aluno, pois em vez de resolver o problema prefere marginalizá-lo, negando um dos principais meios para a sua superação de violência e sua inserção no meio social, pois embora se almeje que a escola funcione como um espaço de inclusão, ela em determinada situação usa de mecanismos próprios de exclusão e seleção social, selecionando alguns e colocando outros para fora. Estes outros geralmente são os que não conseguem atender às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar.

Para Cunha (1989), é necessário que haja uma educação que seja voltada para o uso de todos, sem nenhuma forma de discriminação de comportamentos, pois todos, são dignos de estarem freqüentando e fazendo parte integralmente do espaço escolar. A educação é um direito de todos, sem ela são diminuídas as possibilidades de participação do jovem na sociedade e o direito de desfrutar de sua cidadania. Deve-se existir no contexto educacional princípios de igualdade de direitos e oportunidades, para todos sem exceção, pois o principal ideal da educação é que a escola esteja a serviço do homem sem distinção de família, classe ou religião.

Infelizmente, ainda existe a precarização do ensino público, não há um bom desempenho na qualidade do ensino, apenas sua expansão de modo precário, acompanhado da falta de uma estrutura física adequada e de investimentos na capacitação dos profissionais da educação. Parte da educação brasileira está em crise, o que não vem a atender uma quantidade significativa da população e a parte que é atendida se dá em péssimas condições. Os professores são mal pagos; prédios inadequados e o lazer tanto dos educadores quanto dos educandos é inexistente. Dessa forma a educação não passa a ser vista como fator importante na formação do indivíduo, o que juntamente com o excesso de burocracia e a pouca participação só aumenta os casos de violência escolar.

Diante dessa realidade, mesmo que a escola não disponha de um espaço adequado e recursos disponíveis ela deve buscar parcerias juntamente com outros órgãos e com a comunidade para encontrar meios que despertem o interesse no aluno e que tenha uma educação com o mínimo de qualidade.

Assim, vem a importância da escola trabalhar não somente com conteúdos pré-determinados. É necessário que se intere da real situação de vida dos alunos em sua integralidade e a partir daí elaborar sua proposta pedagógica, que não deve ser apenas um mero documento de caráter burocrático, que é feito, arquivado e esquecido, mas que seja feito e utilizado de acordo com a realidade da escola. Como afirma Leme (s/d), a escola deve fazer um planejamento deliberativo, o que deve ser visto de antemão atividades voltadas para um bom convívio entre todos os envolvidos e não apenas elaborar regras referentes ao bom funcionamento da instituição escolar.

Neste sentido, a escola deve entender o que está acontecendo com seus alunos através do diálogo, pois o que observei é um total descaso não só do professor, mas de todo o corpo técnico-pedagógico em estabelecer momentos favoráveis a um bom diálogo com os alunos e com suas famílias, de forma que eles entendam que são seres que tem importância e que devem ser escutados. Quanto às medidas pedagógicas a serem adotadas em caso de violência, Muller cita o seguinte:

Quando a autoridade do educador não der conta de persuadir a criança a respeitar as obrigações impostas pela lei, deve-se então recorrer a medidas coercitivas. É aconselhável, portanto, que cada transgressão da lei tenha uma penalidade prevista, e esta deve ser coerente com o programa pedagógico como um todo. O propósito da penalidade não é

punição (do verbo latino *punire*, que significa “obter vingança”), mas, como sempre, seu propósito é continuar educando. A penalidade deve fazer que a criança compreenda que quebrou o contrato que ela mesma aceitou, e dar a ela a oportunidade de fazer algum tipo de esforço para corrigir a situação. A penalidade se justifica primeiramente de modo negativo, uma vez que sua ausência, a que chamamos “impunidade”, incentiva a criança recalcitrante a tornar-se um transgressor habitual. (MULLER, 2006, p. 86)

Dessa forma a penalidade deve ser educativa de forma que estes alunos tenham consciência de que cometeram um ato que além de prejudicar aos que estão ao seu redor, também estão atrasando sua trajetória educativa e social como um todo.

Assim, a punição deve mostrar ao aluno transgressor a desaprovação pelo ato cometido, demonstrando que deve respeitar as leis, o espaço e as opiniões dos outros para que possa viver em união. Penalizar não é humilhar e excluir o aluno, pois o que se percebe é que a forma disciplinar de punição a qual o aluno é submetido, traz em seu contexto formas explícitas de discriminação dos alunos.

4.2. Tipos de violência que ocorrem com mais frequência na escola

Analisar a violência na escola tornou-se muito complexo, pois além de ser um termo que se modifica constantemente no decorrer do tempo e de lugar também depende muito da ênfase que é dada na instituição escolar, pois o que o corpo técnico-pedagógico de uma determinada escola pode considerar ato violento, em outra é vista apenas como um simples ato normal dentro de um contexto escolar. Apesar de alguns casos de violência não estarem registrados, por serem resolvidos oralmente no cotidiano escolar, foi possível analisar e conceituá-los englobando as ações em alguns níveis que ocorrem com mais frequência atualmente no ambiente escolar.

4.2.1 Violência contra o patrimônio

A violência contra o patrimônio é uma das formas mais antigas e que vem se sobressaindo nos últimos tempos. Esse tipo de violência acontece constantemente, e em sua maioria sem ocorrência de furtos de bens, mas somente

com a depredação de muros, janelas, sala de aula e destruição de equipamentos audiovisuais. Quando acontece furto estes pegam desde aparelhos de TV e vídeos, brinquedos da escola, alimentos da dispensa, vale-transporte até material de educação física e equipamentos audiovisuais. Para estes alunos, este tipo de ação acontece devido à escola atualmente ter se tornado um ambiente de exclusão social.

Alguns furtos que acontecem na escola demonstra uma intenção evidente de apropriação de um bem alheio, o que evidencia que os agressores consideram o bem público que também é seu como algo que não é acessível, que não lhe pertence. Isso se dá em alguns casos devido a centralização de poder da gestão escolar, que deixa transparecer o seu autoritarismo e suas formas burocráticas de poder; as depredações, invasões e furtos no estabelecimento escolar podem estar simbolizando a insatisfação da comunidade com o trabalho realizado pela escola. Apesar desses não serem os únicos fatores causadores da violência escolar, é bom salientar que o educador diante desses fatos passe a repensar o seu papel e sua função na escola. Neste sentido, a escola atual não está conseguindo suprir as necessidades de seus usuários, tanto no aspecto pedagógico através da repetência e evasão que são os efeitos mais visíveis, como através do comportamento da gestão escolar; e como os meios legais dificilmente chegam ao conhecimento da camadas menos favorecida, a justiça por estes passa ser feita por conta própria.

Há uma violência contra a escola, a qual, aparentemente, não é vista como um bem comum, como um bem público a ser preservado. É interessante notar que não há registros de depredações contra Posto ou serviços de saúde pública nas mesmas comunidades em que escolas são depredadas. Essa diferença ocorre, segundo interpretações correntes, porque essas ações são cometidas por ex-alunos, excluídos do processo educacional pela escola. (SCHILLING, s/d, p. 11)

Contudo, percebi que os agressores não são apenas alunos ou ex-alunos, mas também algumas pessoas que se sentem injustiçadas de alguma forma ou de outra e encontram como refúgio a ações de manifestações através de pichações nos prédios escolares. Vale destacar que, a violência contra o patrimônio possa ser uma das primeiras manifestações dos alunos para demonstrar que algo está lhe incomodando. Assim, eles podem agir como forma de chamar a atenção, demonstrar que algo está errado ou simplesmente como exibicionismo e rebeldia. Como fica claro em um dos registros no livro de ocorrência da escola.

“Os alunos acima assinados em 30 de novembro de 2007, foram trazidos pela profª Lúcia, por terem quebrado o vidro da sala de aula em atitude de rebeldia. Os mesmos foram chamados a atenção pelo seu erro, conscientizados que vão pagar o vidro e para tanto, sua famílias serão comunicadas sobre seu comportamento errôneo na Escola.” (Livro de Ocorrências – 30/11/07).

Ao ser questionado sobre sua atitude um dos alunos destacou que *“Os professores aumentam muito e que não procuram saber o que aconteceu”*. (Marcos – aluno). Neste caso, apesar deste aluno apresentar um comportamento inadequado, observei que segundo seu comentário, é preciso haver mais diálogo para compreender o que levou este adolescente a cometer tal ato, saber a versão tanto do educador como do educando e assim, definir a punição cabível a transgressão cometida.

De acordo com o trecho da ocorrência acima, também é necessário destacar a questão do relacionamento escola/família, pois o que se observa é que, além das ocasiões para resolução de coisas burocráticas, como assinatura de boletins e raramente algumas datas comemorativas com um curto espaço para a interação da escola com a comunidade, a família só é convidada a participar dos assuntos da escola, quando acontecem ações desagradáveis como um ato indisciplinar, o que deveria acontecer constantemente independente do ato do aluno.

Não há um tempo estabelecido para se estabelecer laços sociais envolvendo escola, família e comunidade, para que juntos desenvolvam ações que envolvam educação, cultura e lazer, e assim se estabeleça um vínculo afetivo de amizade.

“O aluno Fabrício de Souza, 7ª A durante a aula de Estudos Amazônicos agiu com violência empurrando a janela contra o colega violentamente o mesmo foi advertido quanto sua atitude de desrespeito ao colega e mau uso do patrimônio público, havendo outra reincidência será tomadas medidas mais drásticas e punitivas.” (Livro de Ocorrência - 22/02/08).

Nota-se diante desta ocorrência, alguns tipos de violência que estão com muita frequência no meio escolar; há tanto a violência contra o patrimônio que o aluno tenta deteriorar um bem público; como a violência física quando o aluno agride o colega com a janela e a violência simbólica exercida pela escola. Ao mencionar as medidas *“drásticas”* e *“punitivas”*, a escola automaticamente está exercendo uma forma de violência, pois além da ameaça, está colocando a forma punitiva de modo

arbitrário, onde fica implícito a intenção de levar o aluno ao medo, o que faz da escola um meio privilegiado do exercício da violência simbólica. E mais, caso estas promessas não forem cumpridas podem levar cada vez mais ao descrédito dos professores e da gestão escolar, pois quando esta apresenta várias ameaças e quando as mesmas não são cumpridas, pode haver a banalização de ameaças e assim, as promessas deixam de surtir efeito e não conseguem mais serem vistas como sanções aos atos de transgressões.

Percebe-se também, que não existe na escola um projeto que vise resgatar estes adolescentes da situação atual, pois não há necessidade de haver ameaças incabíveis, o que poderia ser resolvido de imediato com um diálogo aberto e com punições pedagógicas construtivas. Para que isso aconteça é necessário que a escola dê sentido e significado à educação, que esta possa despertar o interesse de aprender no aluno. Assim é preciso que haja uma educação envolvente, onde todos os indivíduos sejam tratados com respeito e dignidade, valorizando dessa forma o que cada um tem de bom e respeitando as suas opiniões. Além disso é preciso que a escola torne-se um ambiente atualizado para que os alunos passem a valorizá-la.

Trabalhar a problemática da violência e dos direitos humanos no currículo escolar também contribuirá bastante tanto na prevenção como na erradicação do problema; promover um processo contínuo de conscientização tanto no dia-a-dia escolar como em conjunto com a comunidade, através de palestras com temáticas construtivas para o conhecimento de todos; também é necessário desenvolver dinâmicas para melhorar o relacionamento entre alunos e professores, incentivando o diálogo, estimulando a análise crítica dos alunos sobre as variadas situações; por fim buscar parcerias com a comunidade de forma que a família possa assumir o papel de formadora de seus filhos e que não passe o compromisso da educação só para a escola.

4.2.2: Violência contra o ser humano

As agressões contra o ser humano são as ações que tem um peso maior na defasagem da qualidade do ensino

A violência física é a face mais visível do fenômeno, nas escolas. O confronto corporal ou armado mobiliza parte considerável das discussões, aparecendo como referência para que os informantes discurssem sobre o tema e o ampliem para incluir outros tipos de violência. Em algumas situações, justifica-se o recurso à violência física como uma forma de defesa pessoal ou como atitude de proteção aos amigos, os mais fracos, ou como uma resposta à ação de um sujeito mais forte. Em outras, aparece como uma atitude impensada diante de uma provocação. Independentemente da justificativa, a violência é uma forma de negociação que exclui o diálogo, ainda que seja impulsionada por múltiplas circunstâncias e se revista de uma conotação moral – como a defesa dos amigos. (ABRAMOVAY, 2003, p. 63)

As brigas e ameaças dentro da escola que consistem em promessas contra a integridade física ou moral, acontecem com mais freqüência entre alunos e entre estes e os educadores. Para Schilling (s/d), a partir dos anos 90 houve mudanças significativas no padrão de violência praticada nas escolas públicas, onde esta passou ser atingida não somente através de atos de vandalismo, mas também através das práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. Dentre estas últimas, as agressões e ameaças são as mais freqüentes. Geralmente são manifestações resultantes de pequenas rixas entre gangues, discussões banais e empurrões, que podem resultar em agressões mais graves, como é demonstrado através da ocorrência abaixo:

“Em 21 de maio de 2007 a aluna Fabiane foi advertida, pois estava portando uma faca pequena e ameaçando o colega de sala porque havia batido nela, uma criança de mais ou menos oito anos de idade, ambos alunos da 1ª E.” (Livro de Ocorrências – 21/05/07).

Na ocorrência acima, fica visível a forma como uma criança de apenas oito anos de idade tem em mente agredir fisicamente seu colega de sala, devido o mesmo já ter lhe agredido anteriormente e o que é mais assustador é que a violência já atingiu um grau tão elevado nos dias atuais que até na mentalidade infantil está arraigada como sendo ato de defesa, devido crescerem numa realidade cuja violência faz parte desde cedo de seu cotidiano. Também é notável, que não está sendo trabalhado a questão da violência e suas conseqüências no contexto escolar e social como um todo.

Assim fica evidente, como se tem agravado a violência no espaço escolar, não há mais distinção de idade e classe social, parece que estamos num meio onde quem é agressivo dita as regras e as crianças que convivem neste meio

crescem com este pensamento como forma de se sobressair ou se defender como é demonstrado, de acordo com uma das ocorrências registradas na escola.

“O aluno abaixo citado, segundo o colega Juliano, 5ª C, apertou fortemente seu pescoço deixando-o sem ar. Conversando com o aluno o mesmo negou, porém demonstrou um comportamento ruim. Avisei que já era a 2ª vez que ele estava sendo chamado atenção e que na próxima daria suspensão.” (Livro de Ocorrência – 19/06/07).

Na ocorrência acima fica claro a repetição de um ato agressivo, o que demonstra que na primeira ação do aluno não foi trabalhado esta questão, ou mesmo foi trabalhado de forma errada, que reforçou a continuidade do ato. A ocorrência também chama a atenção para a questão referente ao comportamento, o que me leva a um questionamento: o que é considerado um comportamento ruim para esta determinada escola? Quais as manifestações que determinam um bom e um mau aluno? Estes fatos levam a escola a correr o risco de rotular o aluno, e agindo dessa forma em vez de combater, termina promovendo cada vez mais o ciclo de transgressões escolares.

A violência sexual é outra forma de violência contra o ser humano que também tem se manifestado no ambiente escolar só que de forma mais amenizada. Para Abramovay:

O assédio sexual pode ter graves conseqüências sobre os jovens, criando uma cultura permissiva em que atos desse tipo não são vistos como sérios e passíveis de punição. Neste trabalho, o assédio sexual é entendido de maneira mais ampla, incluindo diversas formas de intimidação sexual – olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições – e de abusos – como propostas insinuantes e contatos físicos aparentemente não-intencionais – além de fofocas, frases, desenhos nos banheiros, etc. (ABRAMOVAY, 2003, p. 53)

É muito comum encontrar em portas e paredes de banheiros frases ou mesmos desenhos usando o nome de colegas e professores de forma obscena. Geralmente isso acontece devido a curiosidade da criança ou adolescente a assuntos relacionados à questão sexual, que por muitas vezes sentem necessidade de ter mais informação sobre o assunto e que a escola provavelmente não está

trabalhando em sala de aula, assim como, pode ser um assunto que é evitado falar em casa, o que faz estes adolescentes passarem a buscar esclarecer suas dúvidas de forma errônea, como fica evidente na ocorrência abaixo:

“Cássio Alencar estava com DVD de sexo, dizendo ele que o DVD era do colega Lucas, por isso ele trouxe para esconder da mãe do Lucas e as meninas estavam vendo inclusive a aluna Adriana, o mesmo disse pra ela que a mesma queria era fazer o que estava na capa do DVD, ambos são da 5ª C.” (Livro de ocorrências – 25/05/07).

Às vezes são pequenos detalhes que podem ter grandes conseqüências, são gestos que são desafiadores para os que cometeram, mas que podem ser muito traumático para as vítimas. Atualmente a maioria dos casos de violência sexual na escola acontece por parte dos professores contra os alunos, que usam de sua autoridade como um meio de intimidar. Segundo Abramovay (2003) o assédio sexual é considerado uma das formas mais comuns de violência sexual de professores contra os alunos e embora as meninas sejam as maiores vítimas, o assédio e a violência sexual ocorrem também contra os meninos. Às vezes são “simples insinuações” que podem até chegar a um caso mais grave como um estupro, por exemplo.

Assim, são casos que muitas vezes passam despercebidos, onde a vítima não reage fazendo uma denúncia por medo de sofrer represália, o que vem a ocasionar o medo e conseqüentemente o abandono da escola.

4.2.3. Violência contra a propriedade

A violência contra a propriedade quando acontece é aceita na maioria dos casos de forma passiva, devido ser considerada como normal; são ações que acontecem constantemente, indo desde pequenos furtos e roubos de material escolar, dinheiro, meio de transporte, mochilas de colega, material pedagógico, entre outros que estão dispostos na instituição escolar.

[...] os pequenos furtos são praticados, em grande parte, por pessoas de dentro do espaço escolar, permitindo a aceitação desses atos como natural, o que leva alunos, coordenadores e diretores a diminuir sua gravidade e, em alguns casos, desconsideram a natureza do ato em si: *tem roubinhos assim na sala de aula, nada de muito valor. Tem aqueles roubos bobos, de pegar objetos na sala de aula, mesmo sendo de estudos. Algumas vezes, valores baixos, de R\$ 1,00.* Omite-se, assim, o desrespeito ao outro e a idéia de violência que possa ter roubos e furtos para as vítimas ou por se tratar de violação de princípios éticos. (ABRAMOVAY, 2003, p. 58 – 59)

De acordo com as informações acima, o furto não é visto como um desrespeito ao outro ou uma forma de violação ao que lhe pertence, mas como uma forma de incivilidade sem importância e natural, ao mencionar o furto de R\$ 1,00 como um ato bobo e sem valor. Neste caso a escola para eximir-se de alguma falha esquece de se atentar a alguns aspectos importantes, pois um objeto que para ela não tem valor, para a criança que foi roubada provavelmente este objeto tinha muito significado, e mais, geralmente o adolescente infrator começa sua trajetória neste contexto violento através de pequenos furtos, e caso não seja tomada as providências necessárias este poderá sentir-se motivado a dá continuidade em seus atos. Neste sentido, a escola em vez de ser parceira na coibição destas ações, pode estar contribuindo para que haja um prosseguimento nos casos de violência escolar.

Observa-se também que o furto pode ser um ato de diversão, exibicionismo, assim como uma forma de obter um determinado objeto que a sociedade de consumo dispõe como essencial, mas que nem todos os alunos têm acesso, onde na impossibilidade de adquirir, por não possuir um poder aquisitivo o adolescente comete uma ação criminosa.

Dessa forma, quando alguns membros da escola ficam cientes desse tipo de ação, geralmente as explicações são inúmeras: a primeira como mencionada acima é amenizar a gravidade do fato, atribuindo ao aluno infrator o peso da necessidade, o que acaba balizando o ato em si e passam a considerar a ocorrência como uma simples brincadeira; a segunda tendência é dizer que os objetos sumiram devido o proprietário não saber proteger passando dessa forma a culpar a vítima, apresentando uma visão natural da violência; no entanto, são atos que quando praticados constantemente, levam os alunos a sentirem-se inseguros fazendo com que a escola que até algum tempo atrás era considerada como um lugar seguro seja um local onde a desconfiança e a insegurança reproduz a falta de aprendizado.

4.2.4. Violência simbólica

[...] a violência simbólica é exercida pela sociedade, por falta de encaminhamento dos jovens ao mercado de trabalho, por vedar as oportunidades para que desenvolvam sua criatividade e atividade de lazer. Acontece também quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse ou quando os professores não se esforçam pela qualidade de suas aulas e não respeitam seus alunos, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento. Refere-se também à violência sofrida pelos professores quando são agredidos em seu trabalho e em sua identidade profissional pelo desinteresse e indiferença dos alunos. (Abramovay, 2003, p. 79)

Assim, como afirma Abramovay, a violência simbólica é toda forma de abuso de poder através do uso de símbolos de autoridade, e no caso da instituição escolar este tipo de violência é colocado de forma que o aluno não busque o prazer pelo que está sendo repassado. Os alunos às vezes passam anos numa escola e são obrigados a aprender conteúdos que não condizem com seus interesses e sua realidade, devido às imposições de alguns educadores que não sabem preparar e acolher os jovens para o mundo.

É necessário destacar quantas vezes um educador acaba rotulando o aluno como um indisciplinado irremediável, o que acaba internalizando no aluno um sentimento de revolta que só reforça a continuidade dos atos; além do que, agindo assim o professor também exerce uma forte ação violenta ao rebaixar e marginalizar este aluno. Ao comentar sobre o assunto Abramovay fala o seguinte:

No cotidiano das escolas, existem vários exemplos de violência institucional, como por exemplo, alunos que relatam que há professores que tem dificuldade de dialogar com eles, humilhando-os e ignorando completamente seu problema, não querendo sequer escuta-los, pois *a professora fala que não tem nada a ver com isso*. Outros tratam mal os alunos – *safado, marginal* – recorrem a agressões verbais e os expõe ao ridículo quando estes não entendem algo ou quando não conseguem responder a uma pergunta (ABAMOVAY, 2002, p. 73 – 74)

Assim como os alunos, os professores também vêm exercendo grande número de violência na escola, não de forma declarada como antigamente através de castigos físicos, mas por meio de palavras, gestos, olhares, desprezo e o descaso que não chegam a ferir fisicamente deixando cicatrizes visíveis, mas faz a criança parecer pior do que qualquer outro ser humano, deixando marcas profundas que dificilmente serão esquecidas, além do que, acaba reforçando ainda mais a situação de violência escolar.

Dessa forma, seja qual for o motivo da agressão, é notável a gravidade da situação de violência na escola, atos que antigamente eram considerados comuns, atualmente tem-se agravado e resultam até em mortes; são ações praticadas por jovens e que são tão graves ou mais que os praticados pelos adultos, e que apesar das várias formas de justificativas, é verificado que sempre é vista como uma forma de se expressar, onde não houve o diálogo como meio de negociação.

4.3. A visão dos alunos sobre a violência escolar

Para analisar a questão da violência dentro do ambiente escolar a fim de verificar como tem afetado o processo do ensino-aprendizagem, e como meio de identificar a forma como está sendo trabalhado a questão da violência dentro do ambiente escolar, os alunos foram questionados sobre o que é violência, e eles responderam da seguinte forma:

“Matar, brigar na escola com outros alunos, porque a violência acontece com todas as pessoas, também acontece com as famílias.” (Flávio - Aluno).

“Violência pra mim é quando uma pessoa bate na outra sem motivo ou com motivo tanto faz. Quando uma pessoa agride de outra forma como violência sexual e outras.” (Juliana - Aluna).

“Matar, brigar, assaltar, porrada.” (Fernando - Aluno).

Percebe-se que para os alunos violência é expressada apenas através de situações graves e mais visíveis contra o ser humano como brigar, matar, roubar, não apresentando uma visão mais ampla de todos os outros tipos de violência que pode ser igual ou mais prejudicial do que a violência física. O que mais impressiona é a banalização da violência e sua conseqüente aceitação como se fosse algo normal; atualmente a vida do ser humano está muito desvalorizada, acontecem tantos casos de violência física no dia-a-dia, que estes alunos já não se dão conta de outras formas de violência que também estão presente no nosso cotidiano. Diante de todos esses fatos percebi também a falta de importância dada a questão da proteção à criança, que desde cedo já está convivendo num ambiente onde

casos de violência já não os comove mais, por ser tão próximos e fazerem parte de seu dia-a-dia. Neste sentido, vem a necessidade de se estabelecer uma integração entre família, sociedade e Estado no processo educacional da criança e do adolescente, bem como na sua proteção contra todas as formas de violência e opressão. Segundo Muller,

Dos insultos à humilhação, da tortura ao assassinato, as formas de violência são inúmeras, como são os tipos de morte. Comprometer a dignidade de alguém é, em si, comprometer a sua vida. Silenciar o outro já é um tipo de violência, pois negar o direito à expressão é negar o direito à vida. Situações injustas que mantêm seres humanos em condição de alienação, exclusão ou opressão também são situações de violência, conhecidas como “violência estrutural”. (MULLER, 2006, p. 36)

Neste sentido, há a violência da fome, a violência da discriminação, que humilha, desgasta e rebaixa o ser humano a uma situação que ele mesmo se conforma e às vezes chega a culpar-se pela forma que se encontra.

As brigas são o ápice da situação que envolve formas de sociabilidade conflituosas que se manifestam por meio de condutas violentas. Elas podem ser resultado de discussões verbais pelas pessoas nelas envolvidas, fazendo com que insultos e fofocas sejam causadores da agressividade entre alunos. Quando questionados se já brigaram ou foram vítimas de algum tipo de violência na escola, observei que a maior parte dos alunos entrevistados relatou que já brigaram na escola.

“Eu já briguei com outro aluno porque ele me empurrou na parede.” (Flávio - Aluno).

“Eu já briguei dentro da sala de aula. Ele falou que não tinha medo de mim e aí eu dei um murro nele.” (Marcos - Aluno).

“Eu já briguei duas vezes na escola porque eu cassei, um porque eu chamei o menino de otário e outro foi porque ficavam me empurrando.” (Fernando - Aluno).

Observei

Observei que na maioria dos casos estes alunos brigam por motivos banais, onde qualquer empurrão, mesmo que não seja de propósito, já é motivo para começar toda uma discussão. Pode-se dizer que algumas vítimas tornam-se vítimas-agressoras, a agressão extrema aqui encontrada é a que faz uso da força física, o que pode ser seguida de casos que podem ser mais graves.

Quando questionados se gostam da escola em que estudam, os mesmos responderam que gostam, pois além de alguns já estudarem desde a primeira série e terem muita amizade, a escola para eles é um ambiente agradável.

“Eu gosto da minha escola, porque estudo desde a 1ª série.” (Flávio - Aluno).

“Não muito, por ter muita violência.” (Maria - Aluna).

Mas se na escola tem bastante amizades, o que vem a tornar essa escola um palco de ações violenta. Verifica-se, portanto, que é necessário mais do que boas amizades; o clima escolar é constituído por uma série de elementos imateriais e materiais, cuja combinação cria um estabelecimento propício para o ensino-aprendizagem, o que na sua falta pode propiciar um ambiente de agressividade.

A questão da amizade é vista neste caso, como a formação de pequenos grupos isolados que não permitem a aproximação de outros colegas que não condizem com o mesmo comportamento, assim também como do professor, o que vem a gerar uma situação de desconfiança entre todos, fazendo com que o diálogo e os laços afetivos aos quais devem existir entre os membros no estabelecimento educacional se fragilizem cada vez mais.

Percebe-se de acordo com a fala de Maria, que a violência escolar além de fazer com que a instituição perca sua referência em relação à conduta e ao bom comportamento, faz também com que se torne um espaço desagradável para todos os envolvidos no processo escolar, pois mesmo os que não tenham sido vítimas diretas das agressões, podem sofrerem indiretamente pelos vestígios deixados pela violência no meio escolar, o que faz despertar em alguns alunos a desistência em continuar aprendendo, pois a instituição que era para ser um local seguro e de socialização tem-se tornado um ambiente violento com inúmeras incivildades.

Quanto às regras e normas escolares que geralmente são uma das principais indagações dos alunos, por acharem que são impostas de forma autoritária, observei que os alunos aceitam sem muita objeção, até porque eles desconhecem o significado das mesmas, mas quando explicado o que é uma regra dentro do estabelecimento segundo o Regimento Escolar, os mesmos frisaram que tem liberdade de participação na escola, contudo, ao perguntar o que eles mudariam

na escola, foi interessante que as únicas coisas que eles sentem-se incomodados dizem respeito a falta de estrutura física da escola e a gestão educacional.

“Eu mudaria a diretora, pois ela julga os alunos sem saber, agente faz uma coisa, o professor conta pra ela com aumento, e ela vem julgar a gente sem saber o que realmente aconteceu.” (Marcos - Aluno).

“Não mudaria, porque eu não presto muita atenção nas aulas.” (Maurício - Aluno).

“Eu mudaria algumas coisas: diretora, colocaria computador e não tem quadra de esportes.” (Flávio - Aluno).

Observa-se que o aluno Marcos, apesar de ser um dos alunos mais indisciplinados foi o que mais se expressou, pois segundo ele, sente-se injustiçado. Observa-se que neste caso falta o diálogo para que haja mais clareza na descrição dos fatos, e assim possa ter uma solução mais justa, e que diante de alguns atos indisciplinados seja colocado ao aluno a gravidade de seu erro e a consequência do mesmo, pois também é visível a indiferença da gestão e de alguns professores em relação aos problemas dos alunos, que podem estar passando por dificuldades fora do âmbito escolar, o que geralmente acaba sendo refletido no seu comportamento dentro da escola.

Verifica-se também que diante da fala de Maurício a escola não tem muita importância, o que faz perceber que falta mais um envolvimento da escola em relação a aprendizagem dos alunos; pois o que se observa diante do total descaso do aluno em relação aos acontecimentos escolares, é que falta um bom planejamento do processo educativo para que haja uma aula mais atrativa, coerente às necessidades e à realidade do aluno, de forma que estes possam juntamente com os conhecimentos que trazem ao ingressarem no estabelecimento escolar, despertar o gosto em aprender pelo que está sendo ensinado.

No decorrer de sua fala percebe-se também o total descaso do aluno quanto aos seus direitos e deveres e a forma que ele passa despercebido diante de todos os acontecimentos da escola. Neste caso Silva (2004, p. 165) afirma, “nota-se, então, que as regras não são construídas pelos envolvidos, mas são dadas de antemão, geralmente transmitidas pela tradição, cujo lema todos conhecem: *sempre foi assim, deve continuar a ser assim*”. Neste sentido, vale destacar o papel do professor no sentido de ajudar os alunos a se interessarem de todo o processo

educacional, terem noção do Regimento Escolar, seus direitos e deveres, de forma que se tornem indivíduos conscientes, mais críticos e participativos dos acontecimentos escolares. Pois, o que observei é um vasto distanciamento dos professores no cotidiano escolar dos alunos, delimitando a função pedagógica em seu sentido restrito e desconsiderando-os como seres que possuem significados. Portanto, nota-se que os educadores isentam-se quase totalmente da responsabilidade de interagir com os alunos na escola e em outros espaços públicos, especialmente em situações de conflito.

Já o aluno Flávio, de forma bem explícita põe suas angústias quanto à estrutura da escola, o que vem demonstrar que além da mesma não apresentar uma boa proposta pedagógica, falta também uma estrutura física adequada para conforto e lazer dos alunos, o que na sua ausência pode deixá-los desmotivados e conseqüentemente a escola mais propícia de acontecimentos violentos.

Assim, a qualidade do ensino depende muito de fatores que vão além da relação professor/aluno em sala de aula. A estrutura física, os recursos e as condições de um estabelecimento escolar são bases significativas para o processo ensino-aprendizagem. O espaço escolar que apresenta indícios de abandono e decadência é mais favorável para o aparecimento de comportamentos relacionados a vandalismo e outros tipos de agressões ao patrimônio e ao ser humano. Assim, em vez de favorecer interações positivas entre os envolvidos cria-se um ambiente propício à ações violentas.

Apesar dos alunos da escola pesquisada não apresentarem um grau elevado de violência escolar, observa-se que são alunos que gostam de desafiar, de buscar qualquer meio para chamar a atenção dos educadores. A esse respeito Muller fala o seguinte:

A violência pode apresentar-se como a última forma de expressão para aqueles a quem a sociedade negou todas as outras. Ela parece ser o último recurso dos indivíduos privados de toda e qualquer participação na vida da comunidade, e em tais casos representa má vontade de viver: "Sou violento, logo existo" (MULLER, 2006, p. 66)

Dessa forma o comportamento violento dos adolescentes pode justificar-se como uma forma de afirmação e de imposição de respeito. O que para os demais é símbolo de violência para eles pode representar força e credibilidade. O comportamento agressivo também pode estar sendo apresentado como a última

forma destes alunos se comunicarem ou tentar demonstrar que algo está errado, e como meio desesperado de conquistar ou reconquistar algo que é essencial a sua vida de forma errônea, eles buscam a violação das leis morais como forma de reconhecimento.

É notável também quanto é grande a influência do meio social em que vivem, pois de acordo com a maioria dos alunos entrevistados, eles moram próximos a ambientes onde constantemente acontecem casos violentos e infelizmente a escola é um dos principais meios reprodutores dos problemas sociais. “*O lugar que moro é muito violento, tem facadas, tiroteio.*” (Carlos – Aluno). Não que estes fatos irão determinar o comportamento dos mesmos, mas pode servir como um incentivo negativo e como comenta Silva:

Como educar de tal maneira que os pequenos possam respeitar valores como honestidade, o respeito e a justiça se não conseguimos praticá-los? Como contribuir para que eles sejam disciplinados, isto é, respeitadores de regras e de valores morais e, em consequência, partidários da doçura, se não apresentamos e não praticamos tais valores? (SILVA, 2004, p. 64)

A propagação da violência na sociedade está ligada a uma cultura própria, que favorece e passa a validar atos violentos como algo natural. As pessoas deixaram de conceber valores importantes para o crescimento moral dos jovens e passaram a admirar elementos supérfluos como o individualismo, consumismo e competição. Dessa forma, é preciso que haja um resgate de sentimentos que atualmente são tidos como ultrapassados para que possa ressurgir nestes jovens valores morais essenciais como o respeito, justiça e solidariedade.

É neste sentido que vem a importância de se ter um trabalho coletivo, é necessário então, analisar outros segmentos que podem não estar contribuindo e ao mesmo tempo mostrando coisas negativas que para estes jovens no momento pode ser uma referência positiva como forma de se sobressair através do poder ou glória para com os demais. São atos que manifestam na sociedade e que refletem no comportamento dos alunos em sala de aula, o que vem a comprometer o bom andamento da estrutura escolar como um todo e conseqüentemente do ensino e aprendizagem.

3.4. A visão dos professores sobre a violência e suas conseqüências no processo de ensino-aprendizagem

Diante do problema pesquisado também foi necessário realizar uma análise sobre o que os professores pensam em relação a violência, um problema que faz parte do seu dia-a-dia escolar. De acordo com a fala dos professores, ficou explícito como a violência que acontece na escola tem sido um fator que contribui bastante para o fracasso do processo ensino-aprendizagem. Apesar destes atos violentos terem vários fatores que podem contribuir para a sua origem no espaço escolar, os principais causadores, segundo alguns professores são a situação social, racismo, as drogas, álcool, falta de estrutura familiar e a falta de respeito ao próximo.

Sem dúvida, além da impunidade, há outros fatores que concorrem para o aumento destes índices. Dentre eles, temos o próprio aparato repressor (que foi educado na pedagogia da violência), a morosidade do sistema judiciário, a ineficácia das instituições criadas para recuperação dos sujeitos violentos, transformadas, ao contrário, em verdadeiras escolas formadoras de criminosos, a falta de escolaridade, a situação econômica e seus correlatos, como desemprego, a falta de perspectiva, a estagnação social, o uso de drogas lícitas e ilícitas como válvula de escape, dentre outros fatores. (SILVA, 2004, p. 81 -82)

Assim, vários são os fatores que contribuem para o aumento da violência no espaço escolar, às vezes não de forma direta, mas que produzem conseqüências que podem influenciar nas atitudes dos jovens e que podem refletir no seu processo de aprendizagem.

Quando questionados quais os tipos de violência mais freqüentes no meio escolar eles destacaram que são agressão verbal, ameaças, agressão física, pequenos furtos, violência contra o patrimônio público e violência sexual.

Sendo assim, a violência escolar pode se manifestar de várias formas, tanto física como psicológica e é possível que esta, não esteja somente sendo exercida pelos alunos, mas também pelos educadores. Contudo, ao analisar a fala dos professores, de forma implícita é possível perceber que os mesmos vêem a violência no seu cotidiano sendo praticado apenas pelos alunos, de forma que a violência pedagógica não é exposta como um dos tipos de violência encontrada no meio escolar. Para Guareschi (2008), a violência pedagógica é uma forma de violência muito sutil e que se esconde nas práticas educativas de forma implícita que às vezes não chega a ser percebida como violência para os alunos, mas que cria

nas crianças e adolescentes um sentimento de inferioridade, de timidez, que pode prejudicá-los por toda a vida.

Diante do contexto pedagógico, a violência da escola também pode aparecer na forma como o gestor pode estar concebendo a sua prática em relação as normas e regras no meio escolar. Quando as regras são justas, são de uma ajuda indispensável para o bom andamento da rotina escolar, contudo, se não forem, se a gestão escolar adotar a agressividade e o autoritarismo pode criar nos alunos sentimentos de rejeição e rebeldia que se materializa através dos atos de violência contra o estabelecimento escolar.

A violência pode se sobressair de vários outros eixos, pois não somente as formas de agressões mais visíveis são consideradas violentas, é necessário analisar que por trás de todos estes sintomas sociais, há uma forma de violência que silencia, que fere os seres humano e os fazem vítimas, assim como agressores, o que geralmente são decorrentes das várias formas de injustiças e falta de oportunidades. Não que isso seja justificativa para o homem tornar-se violento, mas que sem acreditar que possam ter um futuro melhor e que possam exercer sua cidadania, fica difícil viver e transmitir valores e promessas de melhoria que eles mesmos não acreditam.

Conforme os professores, diante de toda essa situação de violência, a escola tem utilizado os seguintes procedimentos:

“A escola está sempre trabalhando a questão da violência de forma preventiva, afim de coibir sua prática.” (Paulo – Professor).

“Periodicamente são realizados palestras e quando acontecem um ato de violência, o agressor é chamado para uma conversa e, dependendo da agressão, é punido de acordo com o regimento da escola.” (Marcicléia – Professora).

Percebe-se que apesar da escola estar usando um meio adequado de conscientização através de palestras, ainda falta muito envolvimento dos educadores para a resolução deste problema. A escola não promove no seu cotidiano ações que possam levar o aluno a reflexão dos atos violentos, não usa a temática no seu currículo pedagógico, assim como não favorece meios materiais para que o ambiente possa tornar-se mais atraente aos jovens e menos propício de ações violentas.

É essencial que a instituição se conscientize de que a violência tem que ser trabalhada diariamente e que esteja presente em todas as atividades realizadas na escola e para que se tenha um espaço mais atraente já que não possui espaços básicos como uma quadra poli esportiva e nem sala de informática. É preciso que a escola busque parcerias visando locais e assim invista em ações que possam valorizar a criatividade dos seus alunos, através de atividades culturais como o teatro, a dança e o esporte, pois é evidente que ambiente desfavorável leva a disseminação da violência, o que vem a comprovar que a agressividade na escola além de está ligada a fatores exógenos advindos de outros contextos sociais, também estar ligada a lógica do funcionamento de certos estabelecimentos escolares. Para Abramovay,

Os alunos, pais e professores insistem nas medidas baseadas na integração da escola com a comunidade, para conter a violência nos estabelecimentos de ensino. Destaca-se, como um indicador positivo, a vontade desses atores apostarem medidas de resolução compartilhada do problema, tendo em vista a indicação do diálogo entre alunos, pais, professores e diretoria, e a parceria entre escola e comunidade, como dispositivos importantes para conter as violências nas escolas. (Abramovay, 2003, p. 69).

Assim, vários são os meios que a instituição pode trabalhar; de início, é necessário que a escola busque respeitar a diferença que cada aluno trás ao ingressar no estabelecimento escolar, pois estes precisam ter a segurança de sentirem-se membros da escola, de forma que se sentindo parte do sistema educativo poderão zelar pelo estabelecimento e evitar atitudes de rebeldia. Também é necessário haver uma articulação escola/comunidade e estabelecer regras e meios mais eficazes para solucionar o problema demonstrando aos alunos o quanto é importante a sua colaboração e o cumprimento das mesmas. Pois o que se observa é que não existe um relacionamento da escola com a comunidade.

“A relação escola e comunidade é regular, pois a comunidade raramente se interessa pelas atividades da escola e muito pouco pelo desempenho e comportamento do filho na mesma.” (Marcicléia – Professora).

A escola deve cumprir sua missão e se abrir para a comunidade que necessita nela encontrar um ambiente agradável que se ensina e pratica a cidadania

e não se fechar, assumindo uma postura opressora em relação a seus alunos, pois em algumas situações no dia-a-dia escolar, estes são tratados como delinqüentes e não como seres humanos em formação, merecedores de respeito e consideração.

Só através de seu envolvimento com as famílias e comunidade, é que a escola poderá executar sua missão de preparar os seus alunos para a cidadania, o que inclui o respeito às leis e ao próximo, assuntos estes que se forem bem trabalhados diminuirá bastante o índice de violência tanto dentro como fora do ambiente escolar.

Assim, não adianta só o empenho da escola em buscar parcerias com a comunidade, é necessário que os pais também se conscientizem o quanto é importante sua participação e colaboração tanto em casa como no interior da escola para que haja um trabalho mais produtivo seja na prevenção, como na erradicação do problema, pois sem uma conscientização estes adolescentes poderão crescer sem ter noção das conseqüências de seus atos e se tornarão adultos inconseqüentes e sem consciência de algumas regras básicas de convívio social.

É necessário também que o ensino não seja colocado de forma horizontal, o professor deve ter a humildade de reconhecer que na sala de aula deve haver uma reciprocidade de aprendizagem que a aula seja mais do que repasse de conteúdos alheios a realidade dos alunos, é preciso que estes sejam vistos como seres humanos, só dessa forma, o professor intera-se mais da vida do aluno e aumenta sua possibilidade de compreender e de intervir numa possível ação de violência escolar; é obvio que não só o professor é capaz de solucionar o problema, pois da mesma forma que pode ser um problema de origem escolar, também pode ser que tenha origem fora dos muros escolares. Dessa forma, é necessário haver um ambiente mais estruturado, que seja capaz de suprir as necessidades e que seja acolhedor para os alunos.

A estrutura física das escolas também afeta o ambiente escolar. Em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e grades. Significativa parcela dos alunos critica a qualidade do ambiente físico, principalmente as salas de aula, corredores e pátios, embora eles afirmem gostar da escola em que estudam. Os locais que os alunos preferem nas escolas são as cantinas ou lanchonetes, bibliotecas, centros de informática, ginásio de esportes, laboratórios e pavilhões de artes (os quatro últimos são menos freqüentes nas escolas observadas). (Abramovay, 2003, p. 31)

Quando questionados o que poderia ser feito para amenizar a violência na escola e assim tornar a aula mais atraente para os jovens os professores responderam:

“Mais cultura e mais lazer, talvez amenize o problema.” (Marcicléia – Professora).

“Deve-se fazer um trabalho de conscientização com toda a comunidade escolar.” (Paulo – Professor).

“Procurar envolvê-los com aulas mais atrativas, procurar descobrir e desenvolver seu lado artístico (peças teatrais, por exemplo.” (Júlia - Professora).

“Através de projetos atrativos como: capoeira, computação, judô, etc.” (Marta – Professora).

Assim, é necessário que a escola tenha uma boa estrutura física, que propicie espaço para o esporte, a informatização, a valorização do lado artístico e lazer, que invista em meios educativos que além do repasse de conteúdos seja despertado no aluno o prazer em aprender, são fatores essenciais para um bom andamento escolar e que segundo os alunos e professores entrevistados são um dos meios que podem ajudar na interação e na recuperação destes alunos considerados violentos. Pois de imediato a continuidade dos atos pode trazer sérias conseqüências na qualidade do ensino e aprendizagem, como é demonstrado na fala dos professores:

“Os alunos violentos prejudicam o andamento das aulas, prejudicando o aprendizado deles mesmos e de seus colegas.” (Augusto – Professor).

“A violência atrapalha, uma vez que quem sofreu agressão sente-se com vergonha, humilhado e com isso geralmente desiste da escola.” (Júlia – Professora).

“Normalmente, a criança que é agredida, principalmente em casa, é um aluno retraído, de pouco desempenho.” (Marcicléia – Professora).

Como comentam os professores, os casos de violência além de estarem sendo um transtorno para o aprendizado dos alunos, fazem com que aconteçam alguns casos de evasão escolar, devido estes alunos violentos

transformarem a aula num verdadeiro momento de insatisfação. Sendo assim, os alunos que lá estão almejando adquirir mais conhecimento, sentem-se intimidados e os que são vítimas diretas, por vergonha ou medo de sofrerem agressões novamente terminam desistindo da escola.

A violência está tão alarmante que como comenta Schilling, já fugiu do controle pedagógico, o que vem necessitar do apoio de outros órgãos para que haja mais controle no dia-a-dia de algumas escolas que tem em seu meio casos de violência.

Existem escolas que, por não terem mais a centralidade do ensinar e aprender, por não assumirem a realização do direito humano à educação (condição para a realização de outros direitos humanos), parecem prisões. E, nas prisões, há rebeliões. Hoje, situações freqüentes e “normais” nas escolas até certo tempo ganham uma dimensão enorme: tratadas anteriormente como transgressões disciplinares, são vistas como formas de violência. Clama-se por polícia, pela mediação da autoridade do Ministério Público e do Judiciário. Condutas que geravam indiferença e eram tratadas com a mediação da autoridade escolar são paulatinamente criminalizadas. Há, portanto, escolas que respondem de formas diversas às contradições e aos desafios da educação na sociedade atual. (SCHILLING, s/d, p. 9-10)

Se em algumas escolas faz-se prevalecer os atos de violência, conseqüentemente aumenta um clima de conflitos e insegurança o que acaba gerando desconforto tanto para os alunos como também para os professores e conseqüentemente acaba contribuindo para o processo de fracasso do ensino e aprendizagem.

A violência tem-se mostrado um grande empecilho para o bom andamento escolar, pois em alguns casos quando o professor chama a atenção quanto às manifestações de indisciplina e violência em sala de aula ele é intimidado por meio de ameaças ou mesmo em agressões que podem se tornar fatais. Muitos são os casos de professores que após tentarem reprimir manifestações dos alunos terminam sendo espancados e conseqüentemente perderam o estímulo em continuar desenvolvendo seu trabalho em sala de aula.

Também existe o caso dos educadores que ao ignorarem a existência de tais conflitos, por não saber lidar ou por medo, acabam contribuindo para que continue ou mesmo gere uma outra forma de violência escolar, a institucional. Ao se deparar com tais dificuldades, agressão, indisciplina, entre outras manifestações, alguns educadores procuram evitar estes comportamentos através da cobrança com

ameaças de notas, reprovação, conversa com os pais, suspensão, de forma que a relação professor-aluno resume-se apenas em agressão e punição.

Desta forma, se a escola também faz com que haja um ciclo de violência através da coerção, da negação do diálogo ou mesmo da exclusão, conseqüentemente o efeito mais evidente será o fracasso escolar, a repetência e a evasão.

Em alguns casos torna-se mais fácil excluir o aluno empecilho em determinados momentos, do que procurar meios que visam solucionar tal problema. Neste contexto, fica cada vez mais difícil haver um clima favorável para que haja um bom aprendizado.

Observa-se que de maneira bem explícita a violência vem interferindo no processo de ensino-aprendizagem, deixando grandes lacunas quanto à qualidade do ensino. Para Abramovay,

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade do ensino tanto para os alunos quanto para professores. (ABRAMOVAY, 2003, p. 65).

Desta forma, vários são as conseqüências da violência na escola, pois como foi observado esta afasta professores e alunos dos projetos direcionados tanto dentro como fora da sala de aula; há também a danificação do material pedagógico da escola, o que já é apresentado de forma escassa, e com o deterioramento dos mesmos torna-se mais difícil o desenvolvimento de uma boa aula, e assim toma mais tempo e gastos que deveriam ser aplicados em outros meios, outras necessidades para o interesse dos alunos.

Além dos danos materiais, existe também o desgaste físico e psicológico tanto dos alunos como também do professor. Ao passar parte de seu tempo num ambiente onde a indisciplina atua como se fizesse parte da rotina escolar é notável o sentimento da insegurança, desinteresse dos alunos, assim como um comportamento de autodefesa com agressividade e dificuldade de se relacionar com seus colegas e demais membros do corpo técnico e pedagógico.

Nos professores, de modo semelhante a violência pode provocar a desmotivação, insegurança, ansiedade, estresse o que vem a provocar em muitos

educadores o desinteresse em preparar e aplicar uma boa aula e às vezes por medo chega a se desvincular do estabelecimento escolar, ao sentir-se impotente diante da situação de violência o que vem a levar diante de tudo isso, um grande número de repetência e evasão escolar.

Diante de uma pesquisa realizada em alguns estados brasileiros, Abramovay, (2003) destaca que a violência escolar, faz com que haja pouca concentração dos alunos nos estudos, assim como também há alguns alunos que afirmam que ao se deparar com esses tipos de violência, ficam nervosos e sentem vontade de não mais freqüentar a escola. Quanto ao corpo docente a primeira consequência da violência é a perda de estímulo para se realizar o trabalho; depois vem o sentimento de revolta e a falta de concentração nas aulas o que faz com que prefiram pedir sua transferência para escolas mais seguras, o que vem a provocar a falta constante de professores em instituições escolares que apresentam grande número de violência escolar.

Assim, a violência mostra sua face mais destrutiva na área educacional, onde faz crescer o medo e a insegurança num ambiente que deveria despertar o interesse, a confiabilidade e o conhecimento.

CONCLUSÃO

O propósito desta pesquisa foi discutir como o problema da violência vem interferindo na qualidade do ensino e contribuindo para o fracasso do processo ensino-aprendizagem. Durante a realização da pesquisa houve dificuldades, pois de início foi programado a análise de conteúdo dos registros de violência da escola, por se tratar de um trabalho acadêmico que possui publicidade ampla no campo pedagógico, alguns diretores das escolas que foram procuradas, com receio de eventual represália política, não permitiram o acesso aos registros das ocorrências das violências que acontecem na escola.

Ao encontrar uma escola que permitiu o acesso a realização da pesquisa, a mesma não dispunha de informações suficientes para a análise de conteúdo, por essa razão decidi mudar a metodologia da pesquisa, mantendo o objetivo e o problema a ser estudado. Dessa forma, foi realizada entrevista com os professores, questionário com os alunos, pesquisa bibliográfica e análise das ocorrências disponíveis bem como o Regimento Interno da escola.

Este trabalho foi muito proveitoso, uma vez que me proporcionou estar mais perto e ouvir o que as pessoas diretamente envolvidas pensam sobre a problemática da violência escolar. Alunos e professores concordam que a violência é um grande empecilho para o aprendizado, mas, divergem quanto ao seu conceito. Para os alunos, violência é tão somente uma agressão física, isso ocorre devido à banalização de ações agressivas ao ser humano. As ações violentas graves são relatadas por eles como sendo fato normal, logo, não percebem a violência em suas diversas formas e espécies como a humilhação, a injustiça e a fome, que são iguais ou mais violentas e prejudiciais que as violências físicas.

Para os professores a violência é todo ato que expõe o ser humano ao perigo de forma ampla, podendo ser física, moral, psicológica e social. Ter essa consciência por parte dos professores é necessário, pois apesar deles estarem sendo vítimas de ações violentas, eles também podem ser um dos próprios agressores, ao rotular, ignorar, excluir o aluno ou negar-lhes um bem necessário, que é um ensino de qualidade.

Em relação aos questionamentos iniciais da pesquisa, posso afirmar que a violência na escola é determinada por vários fatores sociais. Infelizmente a situação em que se encontra nossa sociedade, com todos estes desníveis

econômicos, éticos e sociais reflete bastante na vida dos indivíduos e conseqüentemente no comportamento dos alunos em sala de aula. De forma nítida, posso concluir que existe uma relação direta entre escola e sociedade no que diz respeito ao crescente número de casos de violência, que na sua maioria são decorrentes de inúmeras formas de injustiças sociais.

Ao analisar os constantes casos de violência foi possível perceber que atualmente as ações que acontecem com mais freqüência na escola, são a violência contra o patrimônio, a sexualidade, pequenos furtos, ameaças e violência física e verbal. Estes são atos praticados tanto por alunos como por ex-alunos que na sua maioria vêem a escola como um bem isolado que não lhes pertence, devido à centralização de poder por parte da gestão, a ausência de um projeto pedagógico adequado e também por não oferecer um ambiente propício a um ensino de qualidade. Dessa forma, diante da impossibilidade de se expressar através do diálogo, estes alunos passam a manifestar sua insatisfação por meio de ações agressivas afetando os que estão diretamente envolvidos ou não no ambiente escolar.

Infelizmente a escola por ser uma das principais vítimas, está sofrendo um progressivo declínio em seu papel educativo e social. A gravidade dos reflexos da violência é preocupante, pois além de comprometer a estrutura física da instituição, vem distanciando cada vez mais educadores e educandos dos seus projetos centrais. Dessa forma, além do prejuízo material há também o desgaste físico e psicológico e, em decorrência disso, tem aumentado o clima de tensão e insegurança, o que vem provocando conseqüências negativas no processo de ensino-aprendizagem.

A violência atual está tão gritante, que vem saindo do controle pedagógico; os professores sentem-se intimidados ao ponto de terem receio de chamar a atenção do aluno em determinadas situações de conflitos, pois geralmente quando estes manifestam desaprovação pelo ato cometido, são intimidados através de ameaças ou agressões físicas que podem se tornar fatais.

Dessa forma, para a escola que apresenta em seu meio caso de violências as conseqüências são traumáticas, ao conviver num ambiente onde a agressividade acontece constantemente é visível o sentimento de insegurança e desinteresse tanto do educador como do educando e o efeito mais visível se dá através da repetência e evasão.

Neste sentido, foi possível perceber que pouco se tem feito em relação a esse problema, pois o que foi observado é que as medidas consideradas mais eficazes ainda é a suspensão e dependendo da gravidade do ato, o aluno é levado à exclusão. Neste sentido, é necessário que a escola busque meios mais eficazes e que não sejam meramente punitivos, pois agindo dessa forma pode despertar no aluno um sentimento de revolta e indignação, o que faz aumentar o ciclo de violência escolar; é necessário que o educador favoreça meios que possa despertar no aluno o interesse pela escola, é obvio que não só o professor é capaz de solucionar o problema, mas dentro de sua ação pedagógica é preciso que ele repense sua prática educativa e quando se deparar com casos de agressividades em sala de aula ele seja mais de que um mero espectador e passe agir com base no diálogo demonstrando desaprovação pelo fato ocorrido e mostrando que estes devem respeitar as leis, espaços e opiniões.

Além disso, mesmo que a instituição não tenha uma estrutura física adequada, esta deve de acordo com sua realidade favorecer momentos de cultura e lazer, pois escolas que apresentam sinais de decadência são mais propícias para o surgimento de comportamentos relacionados a agressões.

Se um dos objetivos da educação é a formação do individuo para a cidadania, respeitando as regras para obter um bom relacionamento no meio social, então, é necessário que alguma coisa seja feita para que acabe com todo esse clima de conflito no ambiente escolar. Isso só será possível no momento em que a escola, família, comunidade e Estado se sensibilizarem e juntos buscar meios para que a escola se torne um ambiente agradável, que possa condizer com as necessidades dos alunos e apresente uma significativa proposta pedagógica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. Violências nas escolas: versão resumida. Brasília: Unesco, 2003

ABRAMOVAY, Mirian. Escola e Violência. Brasília: Unesco, 2002

ALVAREZ, Cezar. Sociedade, Poder e Disciplina. História e Reflexão in Revista Educação, (s/d)

ANTUNES, Celso. Porta Aberta: Indisciplina + Conflito = Solução. Por quê? Melo. 2008.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos Cedes, ano XIX, n.º 74, dezembro/98

CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. Rio de Janeiro. 1989.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes, 1987

GUARESCHI, Pedrinho; SILVA, Michele Reis. A violência está presente na escola in Mundo Jovem – Um jornal de idéias. Ano 46, nº 387. Junho 2008

LEME, Maria Isabel da Silva. Educar para a convivência: A Gestão de conflitos na Escola in Revista Educação, (s/d).

MULLER, Jean-Marie. Não-Violência na Educação. São Paulo. Palas Athenas. 2006

SCHILLING, Flávia. Indisciplina, Violência: Debates e desafios in Revista Educação. (s/d).

SILVA, Nelson Pedro. Ética, Indisciplina & Violência nas escolas. Petrópolis: RJ. Vozes, 2004.

INTERNET

Programa de Redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: [HTTP://www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br). Acesso em: 14/09/2008.